

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

NICOLE KUNZE RIGON

**SOCIABILIDADE, CONFLITO E RESISTÊNCIA:
ETNOGRAFIA NO VIADUTO DO BROOKLYN EM PORTO ALEGRE**

**PORTO ALEGRE
2018**

NICOLE KUNZE RIGON

SOCIABILIDADE, CONFLITO E RESISTÊNCIA:
ETNOGRAFIA NO VIADUTO DO BROOKLYN EM PORTO ALEGRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharela em Ciências Sociais, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cornelia Eckert

PORTO ALEGRE
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos admiráveis professores e professoras do curso de Ciências Sociais que me ensinaram tantas formas de ver o mundo e se tornaram grandes inspirações. Em especial, agradeço à Chica pela atenção e generosidade com que me ajudou a construir o meu percurso nos últimos anos da faculdade.

Aos amigos e amigas do NAVISUAL pela potência da coletividade, pelas risadas e também pela seriedade das reflexões que construímos juntos.

Aos moradores e frequentadores do Brooklyn, que gentilmente dispuseram de seu tempo e interesse para me ajudar a construir esse trabalho. Toda a construção deste trabalho se deve às nobres contribuições de Caco Spector, Ildo Torres, Márcio Andrei, Munir Zambrano, Alexandre Cooper, Fran Dutra, Buiu Rodriguez, Rafael Svaldi, Erton Cardoso e tantas outras pessoas que logrei conhecer ao longo dessa jornada.

Aos queridos amigos e amigas pelo companheirismo e também pelos “papos tri intelectuais” sobre tantas coisas que não tem nada a ver com esse trabalho.

À minha família pelo incentivo, pelo cuidado e por ter me propiciado as condições necessárias para que eu pudesse me dedicar aos meus sonhos.

Ao Turi, por todo o carinho e aprendizado compartilhados ao longo desse terno encontro.

RESUMO

Este trabalho é resultado de minhas reflexões ao longo dos últimos anos como aluna vinculada ao Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS) e se insere em uma linha de pesquisa etnográfica na interface da antropologia urbana com a antropologia visual. Tomo como referência empírica e reflexiva o viaduto Imperatriz Leopoldina, localizado na região central da cidade de Porto Alegre - RS. Constitui-se como temática deste trabalho a análise das dinâmicas socioculturais atreladas ao viaduto que, pela aproximação com a cultura urbana do skate e do hip hop, ficou conhecido por seus *habitués* como viaduto do Brooklyn. O trabalho consiste num estudo acerca dos usos e representações do viaduto como espaço de lazer, de moradia, de memória e de resistência cultural. Foi desenvolvido sob quatro eixos principais: (1) as formas de sociabilidade predominantes no espaço e os modos de habitar e de fazer; (2) o lazer, a vida noturna e a boêmia na cidade; (3) a memória e a duração e (4) os sentidos políticos da experiência urbana. O estudo etnográfico parte da observação e participação no contexto do viaduto do Brooklyn. Conversas e entrevistas com frequentadores ou habitantes nos arredores, bem como a produção imagética de fotografias e vídeo também foram recursos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: Antropologia visual; Cidade; Viaduto; Brooklyn; Sociabilidade;

ABSTRACT

This work is a result of my last years' study as associate student of *Núcleo de Antropologia Visual* (NAVISUAL/UFRGS) and it takes place in an ethnographic research area between urban anthropology and visual anthropology. I take as empirical reference the *Imperatriz Leopoldina* viaduct, which is located at inner city of Porto Alegre. This work's subject matter consists in the analysis of sociocultural dynamics attached to the viaduct, which is known to its *habitués*, through its relations with the urban culture of skate and *hip hop*, as Brooklyn Viaduct. The study is about the uses and representations of the viaduct as a place for leisure, habitation, memory and cultural resistance. It was developed from four main aspects: (1) different ways in which one may figure and perform and the prevailing forms of sociability in the space; (2) leisure, night life and bohemia at the city; (3) memory and time, and (4) political senses of urban experience. The ethnographic study figures in the observation of and participation in Brooklyn Viaduct. Talks and interviews with goers or nearby dwellers, as well as photos and videos were my methodological tools to the development of this work.

Key-words: Visual anthropology; City; Viaduct; Brooklyn; Sociability;

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 – Reunião do DCE/UFRGS em 10/10/2018, 19:40h.....	07
Imagem 2 – Caixote de madeira na pista de skate.....	17
Imagem 3 – Banheiros químicos.....	17
Imagem 4 – Garimpeira dos usados.....	17
Imagem 5 – Proibido estacionar.....	17
Imagem 6 – Proibido estacionar II.....	17
Imagem 7 – Banda tocando na Oktober Multicultural.....	17
Imagem 8 – Churrasquinho de domingo.....	17
Imagem 9 – Público na Oktober Multicultural.....	17
Imagem 10 – Vista área da região com avenidas.....	25
Imagem 11 – Mapa localização.....	25
Imagem 12 – Vista aérea Largo Archymedes Fortini.....	25
Imagem 13 – Beco com destaque para o sobrado.....	33
Imagem 14 – Rampa de concreto para skate.....	33
Imagem 15 – Manobra no caixote.....	33
Imagem 16 – Parede do Novetrês.....	34
Imagem 17 – Fita musical no Novetrês.....	34
Imagem 18 – Bar do Novetrês.....	34
Imagem 19 – Parede do Novetrês II.....	34
Imagem 20 – Ato em defesa da democracia.....	48
Imagem 21 – Fonte: Sul 21. Guilherme Boulos no Brooklyn.....	49
Imagem 22 – Mobilização política das mulheres contra o fascismo.....	49
Imagem 23 – Pilar do viaduto com intervenção pela democracia.....	49
Imagem 24 – Público no viaduto para aula pública contra o fascismo em 25/10/18.....	49
Imagem 25 – As figuras de Ildo.....	55
Imagem 26 – Gato no beco.....	55
Imagem 27 – Mãos à obra.....	55
Imagem 28 – Lata de tinta.....	55
Imagem 29 – Fonte: CDI Zero Hora. Capa da edição de 03/01/1974.....	57
Imagem 30 – Fonte: CDI Zero Hora. Página 6 da edição de 03/01/1974.....	57
Imagem 31 – Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Garagem Carris.....	60
Imagem 32 – Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Garagem Carris II.....	60
Imagem 33 – Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Torre do relógio.....	60
Imagem 34 – Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. A praça.....	61



Um território habitado de maneira intensiva acaba por se tornar ele próprio uma afirmação, uma explicitação, uma expressão do que ali se vive. Isso se vê tanto numa aldeia Bororo, cujo mapa torna evidente a relação de seus habitantes com os deuses, como no florescimento de pichações após uma manifestação, da ocupação de uma praça, de um momento qualquer em que a plebe se põe a habitar novamente o espaço urbano.

Comitê Invisível, 2016.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. ENTRE USUÁRIOS E HABITANTES: O QUE SE PASSA NO VIADUTO?.....	14
Abrindo com a Oktoberfest.....	14
Brooklyn 24 horas.....	18
Dinâmicas migratórias da boemia.....	21
A velha Osvaldo Aranha e a cena alternativa.....	22
3. DE LUGAR INÓSPITO À ESPAÇO PRATICADO.....	25
Mapeando contornos: o vão e o entorno.....	25
Entrando em campo e domesticando o estranhamento.....	42
4. TERRITÓRIO EM DISPUTA.....	44
Pluralidade de ritmos e de estilos: hip hop, cumbia e MPB.....	44
Cultural popular e resistência: não deixe o samba morrer.....	45
O Brooklyn em defesa da democracia.....	48
Políticas <i>do</i> e <i>no</i> espaço.....	50
5. A ARTE E O TEMPO.....	53
Evidências do vivido.....	53
O que as formas materiais e as manifestações artísticas dizem sobre uma sociedade?...	54
Seguindo os rastros de um “artista da vida”.....	55
Na cidade com Ildo Torres.....	57
O relógio e o fluxo do tempo.....	57
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
7. REFERÊNCIAS.....	65

1. INTRODUÇÃO

A partir de 1945 Porto Alegre viveu um período de grande crescimento demográfico que se estendeu pelos anos seguintes aumentando progressivamente¹. Esse período foi marcado pela metropolização da cidade. A cidade se expandia proporcionalmente ao crescimento populacional e era preciso desenvolver um planejamento urbano e novas tecnologias para mobilidade.

Alinhadas aos projetos embrionários do Plano Diretor da cidade foram feitas algumas intervenções para aprimorar o ambiente urbano e os meios de transporte frente ao vertiginoso crescimento populacional. Os projetos invocavam uma estética modernizante que implicava na construção de largas avenidas, pontes e viadutos. Uma das intervenções foi a construção do Viaduto Imperatriz Leopoldina em 1974 com o objetivo de desafogar o trânsito na região central da cidade conectando a região central à zona sul e abrindo espaço para a construção da primeira perimetral da cidade, passando pela Avenida Loureiro da Silva.

Com o objetivo de qualificar a mobilidade urbana os grandes empreendimentos urbanos, como viadutos e largas avenidas, são previstos como espaços para rápida circulação e curta permanência de pessoas. O fenômeno do crescimento populacional não acompanhado pelas devidas políticas sociais acirrou as desigualdades sociais na década de 80 e o empobrecimento levou ao aumento progressivo da população em situação de rua que em seu nomadismo fazia em alguns cantos de viadutos seus abrigos de proteção contra as intempéries.

A construção do viaduto na década de 70 causou controvérsias entre estudantes universitários e militantes ambientalistas que motivados pelas palavras de Lutzemberger², subiram nas árvores para evitar o corte que precedia as obras do viaduto³. O ato se tornou uma importante manifestação política em plena ditadura militar e o viaduto, desde a manifestação em sua construção, ficou marcado como local de interação política. Atualmente é abrigo para grupos em situação de pobreza e chama atenção por ter se tornado nos últimos anos um notório espaço de manifestações culturais e participação popular na cidade, evocando novas formas a seus significados políticos.

¹ Fundação de Economia e Estatística (FEE – RS), 2017.

² Renomado ambientalista na cidade e fundador da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN).

³ Zero Hora, 25/02/2015.

As transformações na estrutura urbana produzem importantes efeitos nas formas como as pessoas se relacionam com e nos espaços da cidade. Instigada por essa temática, considerei o espaço sob o viaduto Imperatriz Leopoldina um contexto convergente a meu interesse de pesquisa a partir do questionamento antropológico sobre a formação da vida social sob o viaduto. Como vivem, ocupam e se relacionam as pessoas nesse contexto conjugado por conflitos e contradições? Como as práticas e as formas enunciativas conectam acontecimentos aos espaços onde moldam-se vidas e histórias, construindo as tramas da memória da cidade?

Tomando o viaduto como espaço de lazer, de resistência cultural e de memória, constitui-se como temática deste trabalho a análise das dinâmicas socioculturais atreladas ao viaduto do Brooklyn. Através da observação dos processos formativos e dissolutivos da vida social no viaduto, procuro entender também de que modos o viaduto se insere nas dinâmicas culturais do território mais amplo da cidade de Porto Alegre como um *espaço praticado* (CERTEAU, 2012), utilizando como principais aportes teóricos e metodológicos as contribuições de Michel de Certeau (2012), Cornelia Eckert & Ana Luisa Carvalho da Rocha (2013) e José Guilherme Cantor Magnani (1996, 2012) para os estudos *da e na* cidade. Assim, esse trabalho se desenvolve sobre quatro eixos principais: (1) os modos de habitar, de fazer, as formas de sociabilidade e de conflito predominantes no espaço; (2) o lazer, a vida noturna e a boemia na cidade; (3) a memória e a duração e (4) os sentidos políticos da experiência urbana.

Esta pesquisa tem por base um estudo etnográfico iniciado em 2017, ocasião em que me vinculei como pesquisadora do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS) com uma linha de pesquisa na interface da antropologia urbana com antropologia visual. Mergulhar nesse contexto em 2017 e 2018 implicou em uma metodologia etnográfica com observação direta e conversas e entrevistas com frequentadores ou habitantes nos arredores, como também a produção de imagens de fotografia e vídeo. Esta experiência foi relatada em diário de campo, que consiste em um instrumento base para a interpretação antropológica. Motivada igualmente pela etnografia da imagem, realizei pesquisa nos acervos do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo e do Centro de Documentação e Informação (CDI) da Zero Hora. Além disso, produzi fotos objetivando registrar o cotidiano no espaço e reconhecer alguns *habitués*, e o vídeo “Na cidade com Ildo Torres” com a colaboração de Marina Bordin, que registra o cotidiano de um artista urbano da Cidade Baixa.

No contexto mais recente o espaço sob o viaduto Imperatriz Leopoldina emergiu na cena urbana contemporânea como um espaço de lazer e cultura aberto e gratuito. Assim, quem viveu o espaço entre 2016 e 2018, podia desfrutar de uma agenda semanal com shows de samba, rock, MPB, rap, batalhas de MC's, *Slam* (competições de poesia), festas temáticas e folclóricas, atividades filantrópicas para a população em situação de rua, entre outros. Alguns dos eventos chegavam a agregar centenas de pessoas ao contexto e cada elemento da programação atribuía distintas visualidades ao espaço e abrigava diversas formas de *sociabilidade* (SIMMEL, 1983). Devido à estética da contracultura e a identificação com o movimento hip hop, o viaduto recebeu dos skatistas e dos primeiros agitadores culturais do espaço a alcunha Brooklyn e assim passou a ser chamado pelo público frequentador.

A percepção do fenômeno de ocupação do Brooklyn por coletivos noturnos foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho que além de investigar a ocupação cultural procura apreender outros aspectos da vida cotidiana no viaduto. Chamo a atenção para a particularidade da renovação inventiva dos significados da vida urbana que partiu da criação de *táticas* (CERTEAU, 2012) espontâneas da sociedade vinculada ao espaço e não de órgãos públicos responsáveis pela gestão dos espaços públicos, como foi o caso de outros fenômenos de revitalização urbana de Porto Alegre nos últimos anos. São exemplos disso a revitalização da Praça Júlio Mesquita, popularmente conhecida como Praça do Aeromóvel em 2016 e da Orla do Guaíba, o cartão postal da cidade, em 2018.

No aspecto temporal da pesquisa, estabeleço a reforma de um dos prédios mais antigos do entorno como marco nas transformações dos usos e das práticas de apropriação do viaduto. Antes da reforma do prédio, em termos de estabelecimentos comerciais haviam apenas a loja Nerdz e a fotocopadora. Após a reforma, tanto os apartamentos quanto os estabelecimentos do andar térreo começaram a ser visados por produtores culturais e empresários locais. A partir da reforma do prédio o cotidiano do viaduto ficou marcado pelos eventos culturais e festivos durante as tardes e noites, em dias de semana e nos finais de semana com públicos numerosos e *sociabilidades barulhentas* (ARANTES, 2000).

Com uma ampla agenda cultural o Brooklyn ficou conhecido como um espaço culturalmente diversificado. No entanto, o incentivo à diversidade de estilos é acompanhado por alguns critérios demarcadores da identidade local. Todas as atrações possuem alguma identificação com o movimento de contracultura, com a cultura popular ou com o *underground*, assegurando a

especificidade da cena alternativa local. O público e o espaço denotam posicionamentos políticos, pertencimento de classe e estilos de vida gerando uma identificação entre os frequentadores que fazem parte do movimento hip hop, outros que transitam pelas veredas do rock gaúcho alternativo, pelas rodas de samba e outros ritmos da música popular brasileira, mas todos esses estilos são marcados por um recorte geracional da juventude.

O Brooklyn que passou a integrar o circuito da juventude na cidade com uma vasta programação cultural nem sempre foi convidativo para todos os públicos. Até alguns anos atrás o espaço que fora noticiado dramaticamente pela mídia como “viaduto do medo”⁴, era considerado um fragmento de cidade deteriorado, com acúmulo de lixo e abandonado pelo poder público e pelas pessoas. Através da ação coletiva e cooperativa entre frequentadores e habitantes foram se desenvolvendo formas populares de enfrentamento do abandono e da decadência que o viaduto vivenciava antes da ocupação, transformando a imagem do local que era permeada pelo medo relacionado à práticas de violência difusas e à ambientação escura e degradada.

Tais iniciativas de apropriação do espaço têm surgido na tessitura do espaço urbano e criado novas interações com a cidade e com seus habitantes, nos possibilitando pensar sobre outras possíveis formas de sociabilidade que as estruturas da cidade oportunizam. As táticas de apropriação vislumbraram seu potencial criativo e reinventaram as formas de sociabilidade no espaço. Entre os desdobramentos importantes da ocupação, o crescimento do fluxo de pessoas e a movimentação cultural tiveram efeitos significativos na redução da sensação de insegurança e o espaço sob o viaduto foi se tornando um local mais convidativo para diferentes públicos.

O Brooklyn é um espaço que conflagra em si distintas percepções sobre o viver urbano, oscilando no imaginário coletivo entre local precarizado e reduto de lazer na cidade. Isto faz do espaço um local paradigmático para uma abordagem antropológica sobre os processos formativos e dissolutivos da vida social e das representações coletivas no viaduto. Assim, busco aqui reconstruir o universo de significados e representações do viaduto ao longo do tempo. As entrevistas e conversas com a comunidade do Brooklyn somadas às minhas percepções e observações atribuem formas à construção etnográfica do universo de pesquisa.

Em síntese, desenvolvo este trabalho em quatro capítulos: no primeiro, a partir da descrição da “Oktober Multicultural no Brooklyn” abordo as principais formas de sociabilidade no contexto e o modo como as atuais relações que se desenvolvem no viaduto reverenciam as práticas da

⁴ R7, 23/12/2016.

juventude na cidade do passado. No segundo, descrevo alguns dos equipamentos urbanos e algumas das pessoas que compõem o cenário e o cotidiano no contexto, tomando o Brooklyn como *espaço praticado*. O conflito e as contradições envolvendo moradores e frequentadores dos eventos são o tema do terceiro capítulo. Por fim, no último capítulo, chamo atenção aos aspectos artísticos e à passagem do tempo no viaduto.

Este trabalho marca o fim da minha trajetória acadêmica no curso de bacharelado em ciências sociais nesta universidade e foi realizado junto ao NAVISUAL. Entre nossas aventuras etnográficas descobri a potência da coletividade e conheci pessoas admiráveis sem as quais esse trabalho não teria sido possível.

2. ENTRE USUÁRIOS E HABITANTES: O QUE SE PASSA NO VIADUTO?

U.SU.Á.RI.O. Aquele que, por direito de uso, frui as utilidades da coisa. O que o espaço do viaduto possibilita? De que formas ele tem sido apropriado por seus usuários? Neste capítulo abordo as formas de sociabilidade que atribuem formas à rítmica do cotidiano no viaduto. Sociabilidade, no sentido que Georg Simmel dá ao termo ao tratar da sociedade ocidental moderna, significa a *forma lúdica de sociação* (1983, p. 169). Em um contexto de descontração e lazer, os usuários jogam o social e interagem entre si usufruindo do espaço com entusiasmo. Parto da descrição de um dos eventos e chamo a atenção para o modo como as atuais relações que se desenvolvem no viaduto reverenciam práticas do passado.

Abrindo com a Oktoberfest

No dia 22 de outubro o dia amanheceu nublado ameaçando chuva e os termômetros marcavam vinte graus, mas a previsão assegurava tempo bom para aquele domingo de outubro em 2017. O evento não poderia ser transferido outra vez devido ao mau tempo. Se tratando de uma Oktoberfest, adiar a festa para o próximo final de semana significaria ter que negociar parte de sua tradição, visto que já era fim de mês. O evento estava sendo organizado pelo Espaço Cultural Lechiguana e a Bugio Discos e estava marcado para começar às duas horas da tarde, conforme anunciava o evento no *facebook*.

Cheguei ao viaduto por volta das dez horas da manhã. A movimentação dos carros na Loureiro da Silva era vagarosa, típica de uma manhã de domingo porto alegreense nas imediações do Parque da Redenção. O viaduto parecia repousar. Tudo estava bastante calmo para uma manhã de um dia de evento. Havia apenas três rapazes embaixo do viaduto sentados em um sofá velho em meio a compensados de madeira e cobertores que compõem o mobiliário de uma espécie de abrigo. Ali sempre há algum tipo de movimentação, um vaievém de gente que chega e que parte. Nenhum dos estabelecimentos do prédio ao lado do viaduto estava aberto. Parei algum tempo em frente ao prédio até que Caco apareceu na janela com um pano de prato nas mãos e disse *por aqui é tudo preguiçoso!* quando perguntei a que horas iriam começar a organizar o evento.

Por volta das onze horas da manhã chegaram ao viaduto quatro policiais militares e ficaram parados próximos ao canteiro de plantas. Eles abordaram um dos rapazes que estavam embaixo do viaduto, trocaram algumas palavras e logo deixaram o local. Logo em seguida chegaram o Márcio e o Vinícius do Espaço Cultural Lechiguana, para começarem a organização da “Oktober Multicultural no Brooklyn”. Próximo ao meio dia já haviam sido instalados dois banheiros químicos e o quiosque para venda de cervejas artesanais estava sendo montado. A primeira expositora chegou ao local em uma charmosa kombi branca e azul celeste. Era a “Garimpeira dos Usados”, um brechó itinerante especializado em jeans. Os portões de ferro dos bares e da loja de discos começavam a ser erguidos e os outros expositores iam chegando aos poucos ao local. Começava a haver uma maior movimentação da vizinhança do viaduto.

Um casal se aproximou timidamente e com a autorização dos organizadores do evento começaram a montar sua arara com roupas de brechó para vender no evento. Enquanto observava a organização sentou ao meu lado uma moça de cabelos coloridos chamada Gica. Ela usava um óculos moderno estilo “gatinho” e um lenço vermelho atado com um laço na cabeça. Estava acompanhada do filho de sete anos e disse que costuma frequentar o Brooklyn e o Clube de Tatuagens Nankin pois é amiga de uma das sócias do clube.

Em frente à Bugio Discos, ritmado pelo som de Beatles que saía da loja, iniciava-se o preparo do churrasco em uma churrasqueira de latão. Aos poucos os outros expositores iam chegando e montando suas tendas enquanto algumas crianças brincavam de jogar bola em meio a organização. Mesas e cadeiras de madeira já estavam na rua e organicamente o evento ia tomando forma. O filho do zelador do prédio ficou parado em frente a porta de entrada do prédio fumando um cigarro e observando a montagem.

No início da tarde a Empresa Pública de Transporte e Circulação de Porto Alegre (EPTC) chegou ao local por conta de uma denúncia anônima alegando que a estrutura do evento impedia o trânsito de pedestres e deveria ser deixado para livre circulação por se tratar de uma via pública. Nesse momento, houve uma pausa na organização para deliberação entre os organizadores do evento e os funcionários da EPTC. Foi feito um acordo e decidiram assim que os equipamentos que estavam em local indevido seriam reposicionados.

As controvérsias acerca do uso indevido do espaço para estacionamento já aconteciam há algum tempo. Os carros que ficam estacionados ali durante a semana importunam os empreendedores locais e a EPTC não toma providências frente às denúncias. Os organizadores

aproveitaram a visita da EPTC para prestar queixas sobre os carros que durante a semana ficam estacionados no local e interrompem a circulação: *é uma área de uso comum das pessoas e os carros literalmente tomam conta sendo que tem até uma placa ali dizendo que é proibido estacionar* (Caco).

Pouco antes do início do evento já estavam montados no local a banca da “Enfotaria”, que vendia botons, imãs de geladeira de bandas de rock e capas de filmes; um *food truck*; a cervejaria Sesmaria vendendo chope artesanal; a tenda de lanches “Lá de Casa”; uma tenda de lanches veganos; uma banca de cachaças artesanais e vários brechós. Além disso, o palco para as atrações musicais já estava montado.

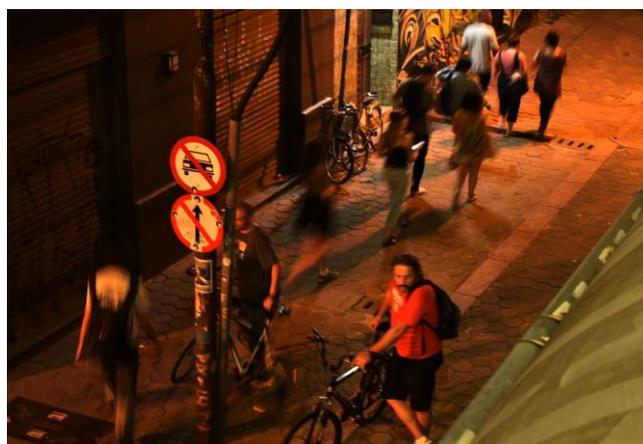
Perto das quatro horas da tarde Nino, a primeira atração musical, começou sua apresentação. O espaço estava tomado por uma ambiência dominical com cheiro da fumaça do churrasco preparado em um latão de ferro. Pessoas sentadas em cangas estendidas na grama, crianças brincando, cachorros acompanhados de seus donos e pessoas que circulavam entre as bancas apreciavam o som autoral do artista. Após o Nino, seguiram-se sucessivas apresentações musicais de diversos estilos. Às 16:20 iniciou a banda de *reggae*. No final da tarde já haviam muitas pessoas no local e o clima era de descontração. Durante todo o evento skatistas praticavam manobras na pista sob o viaduto. Na programação haviam apresentações de banda de *reggae*, de música francesa, de rumba, de música latina e a última atração musical da noite foi um show de música celta. Toda a programação foi pensada sob o prisma da diversidade musical alinhada a estética multicultural do evento como imaginou Márcio, responsável pelo Espaço Cultural Lechiguana e organizador do evento:

(...) Na Oktober Multicultural a gente escolheu umas bandas bem diversificadas, vai ter uma banda que toca Manu Chao... ontem a gente fechou com a banda Petit Poa, que toca música francesa. Tem o Bando Celta, então a gente tenta diversificar com bandas instrumentais, reggae... O Bando Celta é uma banda irlandesa de raiz, tocam com gaita de fole, bem rudimentar assim e ficou bacana. A ideia de estar ali com o Lechiguana é diversificar mais o lugar. Então os guris do novetrês chamaram pra conversar sobre isso e os guris da Bugio curtiram essa ideia de diversificar mais a galera que circula por ali, não ficar só no rap⁵.

Por volta das onze horas da noite a maioria dos expositores já haviam ido embora e a última apresentação musical chegou ao fim. A única tenda a ser desmontada foi a das cervejas artesanais.

⁵ Entrevista realizada com Márcio, responsável pelo Espaço Cultural Lechiguana, em 11/10/2017.

A movimentação já estava bem mais vagarosa e o clima era de encerramento e despedida. Pouco antes da meia noite o evento havia chegado ao fim.



Brooklyn 24 horas

Isso aqui é um exercício de observação. (...) De manhã tu já ve as coisas acontecendo. O pessoal montando as coisas, já dando comida pras pessoas ali (Prato Feito das Ruas). No sábado as 10 ou 11 da manhã eles começam a chegar. Ao meio dia eles servem 200, 300 viandas de comida pro pessoal de rua. (...) É legal que tu vê eles montando e depois desmontando, aí já começa a chegar os guris da batalha de RAP. Ou seja, tu fica olhando e é uma coisa emendando na outra. Ai final de tarde já tem a gente fazendo alguma coisa, já é sábado de noite... aí domingo que tu começa a ter alguma tranquilidade. (Caco)

A Oktober Multicultural no Brooklyn fez parte da intensa programação cultural no viaduto ao longo do ano de 2017 e meados de 2018. Observar o cotidiano no espaço significa presenciar um fluxo de acontecimentos bastante intenso: o vaivém dos banheiros químicos, as portas de ferro dos estabelecimentos abrindo e fechando, as cadeiras e mesas sendo colocadas na calçada, o equipamento de som e as tendas sendo instalados, as aparições da polícia militar e da EPTC, os vendedores ambulantes se aproximando, os vultos da multidão em movimento, alguns vizinhos passando desconfiados e o aumento progressivo do balbuciar e das gargalhadas dos atores que dão vida ao viaduto. Os preparativos, o encontro e a despedida são elementos da dinâmica dos dias em que o Brooklyn se prepara para receber seus amigos.

Ao final de 2016 as festas Cumbia na Rua e a Boom Rap eram os eventos com os públicos mais numerosos. Mais tarde os outros eventos adquiriram popularidade e o viaduto se tornou um espaço para onde convergiam centenas de pessoas em função dos eventos. Em poucos meses, o espaço atingiu o auge de sua popularidade, como conta Caco:

*Quando a gente chegou aqui em setembro isso tava bem trash. É trash ainda hoje, mas tava bem trash assim, sabe? Recém tinham terminado a obra (do prédio), tava todo aquele ar de abandono de certa forma.(...) Mas o incrível foi assim, a gente abriu em novembro. Dezembro foi um mês meio estranho porque chega 15 de novembro a cidade fica deserta e em janeiro começou o Brooklyn a fervilhar. Teve uma Cumbia no início de janeiro e começou toda hora a ter uma efervescência de coisa. Eu tava meio inseguro mas quando eu vi aquilo de janeiro que embalou e tal eu pensei que realmente eu não tava louco. A coisa era ali mesmo. Só que foi mais rápido do que eu achei que fosse, entendeu? Porque é um lugar meio inóspito, a gente pensou que ia ter que chamar muita clientela, forçar as pessoas a virem até ali, mas a coisa começou meio que ao natural. (...) quando eu vim pra cá que aí eu entrei realmente de cabeça, eu vi que **o Brooklyn não para nunca. Isso aqui é 24 horas.** É como eu te disse, o meu apartamento, como ele fica de frente pra cá, de noite é uma selva, tu escuta tudo. Se tem festa tu escuta tudo ou se tem um evento tu escuta tudo, ou seja tu tá sempre em contato com o viaduto. É fantástico o que tá acontecendo no Brooklyn assim.(...)É interessantíssimo e é um bom retorno pra cidade.⁶*

⁶ Entrevista realizada com Caco em 13/10/2017. Era um dia chuvoso e havia pouco movimento no viaduto. A única movimentação fora mais ao final da tarde de um grupo de no máximo dez jovens que se reuniram na pista de skate para declamar poesias (*Slam*). Grifo meu.

Foi assim que o Brooklyn se inseriu na cena urbana contemporânea, tornando-se um reduto cultural na cidade e referência para atividades noturnas. Atualmente o espaço integra o circuito da boemia na cidade e é privilegiado pelo público que prefere festas na rua e em espaços abertos do que em locais fechados⁷, onde se paga caro para entrar. O fluxo intenso da programação compunha uma agenda de eventos bastante diversificada no viaduto: *tem os blocos de carnaval, que o pessoal toca pra caralho. Terças feiras é ensaio de batucada, então se quisesse chegar aqui era só vir que eles ensinavam o negocio de graça. Agora ali em cima do Novetrês tem um estúdio de tatuagem também, que é do Toledo, da Fran e da Laura. Então... um estudio de tatuagem, bar, restaurante, casa de jogos, tem varios lugares legais* (Munir).

Entre a diversidade dos frequentadores do Brooklyn, predomina um estilo de vida de pessoas que desenvolvem suas sociabilidades sob o prisma da diversidade cultural, da defesa da liberdade de expressão e dos direitos humanos. Além de ser espaço de lazer e entretenimento, o viaduto agrega em si sentidos políticos na participação dos frequentadores que evocam uma retórica da ocupação dos espaços públicos.

Trata-se de um contexto pleno de múltiplas vocações e dinamismos. No espaço se evidenciam diversas formas de sociabilidade, muitas das quais motivadas por lógicas de lazer, shows e festas, caracterizadas por práticas de consumo próprias de contextos urbanos voltadas para uma população predominantemente jovem. Na dinâmica espacial da cidade, o Brooklyn é um ponto de convergência entre os três bairros que conflagram a região boêmia da cidade: a Cidade Baixa, o Bom Fim e o Centro Histórico.

Para dar conta da interpretação das dinâmicas sociais de um espaço urbano tão diversificado, utilizo alguns dos conceitos elaborados por José Guilherme Cantor Magnani (1996; 2012), que estudou as práticas de encontro e lazer da juventude em São Paulo. O *pedaço*, segundo Magnani (2012, p. 90-98), diz respeito à laços de familiaridade entre pessoas que se conhecem a partir do dia-a-dia em suas comunidades. Em contextos urbanos centrais, como é o caso do Brooklyn, o *pedaço* ganha outros sentidos e atribuições. Neste caso, ele é identificado a partir de relações entre as pessoas que não necessariamente se conhecem, mas que se reconhecem “como

⁷ Na segunda década dos anos 2000 começou a haver maior oferta de entretenimento nos espaços públicos da cidade, como a “Serenata Iluminada na Redenção” e o “Largo Vivo”, bem como feiras de economia criativa como a “Me Gusta” e a “To na Rua”. O padrão do lazer buscado pela juventude na cidade se alterou nos últimos anos, aumentando a procura por entretenimento e lazer ao ar livre. Esses movimentos de ocupação do espaço público surgiram a partir de motivações políticas que questionavam políticas públicas de segurança, movimentos de revitalização urbanística dos espaços e seus usos para estacionamento de automóveis.

portadoras dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes” (Ibid., p. 92). O Brooklyn é um espaço onde dadas as particularidades de cada situação criada, se configuram distintos *pedaços*: da galera punk e do heavy metal, dos entusiastas do samba, dos skatistas, do povo das ruas, dos manos e das minas do hip hop, do pessoal dos brechós, entre outros.

Uma vez que o *pedaço* diz respeito às relações entre os usuários do espaço a *mancha*, por sua vez, concerne às propriedades do espaço e dos equipamentos urbanos. A mancha representa os espaços destinados a um número mais amplo de usuários que através de seus equipamentos desenvolvem uma multiplicidade de relações e formas de sociabilidade. Os equipamentos são dispostos no espaço de modo a “constituir pontos de referência para prática de determinadas atividades” (Ibid., p. 94). Assim, a *mancha* se constitui como ponto de referência para uma atividade predominante. Sob essa perspectiva, equipado com bares, pista de skate, praça e lojas de jogos e discos, o Brooklyn pode ser considerado uma *mancha* de lazer e de vida noturna na cidade.

Essas categorias surgem para ordenar a multiplicidade de formas de lazer na metrópole e designam formas particulares de sociabilidade e de apropriação do espaço, criando uma ambientação familiar e segura ao universo conhecido. O Brooklyn como *pedaço*, por um lado, se mostra como um espaço onde os sujeitos se reconhecem e compartilham estilos de vida semelhantes. Por outro lado, em face da pluralidade dos eventos, alguns organizados e outros mais espontâneos, aproxima-se da ideia de *mancha*.

Apesar das particularidades de cada dinâmica social, as práticas no viaduto apresentam uma característica comum que se evidencia a partir das motivações para frequentar o local: quem vai ao Brooklyn busca lazer, cultura e uma cerveja gelada ao final do dia. Nessa perspectiva é identificado como *mancha* de lazer e vida noturna. As categorias se mostraram úteis para pensar os diferentes arranjos possíveis das relações que se estabelecem no Brooklyn e suas formas de sociabilidade particulares. Elas não encerram o objeto em sua definição, mas são conceitos operacionais para exercitar outras formas de interpretação do contexto.

Dinâmicas migratórias da boemia

O Brooklyn não se tornou um espaço tão populoso da noite para o dia. A juventude porto alegreense vivencia atualmente a ausência de espaços públicos com uma infraestrutura adequada para eventos. Somado a isso, os decretos da Prefeitura Municipal estão proibindo o comércio de bebidas alcoólicas e o som alto nas ruas da Cidade Baixa que é o principal foco de lazer e entretenimento noturno na cidade. Essas medidas fizeram com que o Brooklyn se tornasse herdeiro de parte desse público que buscava novos espaços públicos de vida noturna.

A mobilização de tantas pessoas para os eventos no vão do viaduto pode se tratar de um movimento migratório da boemia urbana que advém de uma deriva mais extensa ao longo do tempo pelos ambientes noturnos que foram sucessivamente entrando em decadência na cidade. As mudanças na vida noturna e nos redutos boêmios no bairro Bom Fim foi o tema da dissertação de mestrado de Lucio Fernandes Pedroso, intitulada “Transgressão do Bom Fim” (2009), que utilizo como referência para esta seção.

Pedroso identifica a *Esquina Maldita* como porta de entrada na década de setenta da expansão da boemia na cidade. Era um bar situado entre a Rua Sarmiento Leite e a Avenida Osvaldo Aranha, onde se encontravam os alunos dos cursos de humanidades quando seus departamentos ainda eram situados no campus do centro da UFRGS. A Esquina Maldita era reconhecida como espaço da boemia, de resistência e de constestação política nos tempos autoritários da ditadura militar. A partir da Esquina Maldita nos tempos de maior abertura política houve uma expansão dos movimentos de ocupação dos espaços da vida noturna na cidade. Nos anos oitenta, a boemia migrara para o interior do Bom Fim, apropriando-se do Bar Ocidente, do Bar do João e do Cine Baltimore. A juventude havia tomado as ruas próximas a esses bares, especialmente a rua João Telles.

O aumento do número de jovens no Bom Fim nos anos oitenta e o consumo de substâncias ilícitas trouxeram traficantes ao bairro e junto com eles vieram as repressões policiais. Era preciso reduzir o público que ficava à deriva nas ruas pela madrugada usando drogas e gerando intrigas. Assim foram impostas novas regulações à vida noturna: os bares não podiam mais funcionar durante toda a madrugada e os proprietários deveriam fechar os estabelecimentos à meia noite.

O início dos anos noventa foi marcado por um enfraquecimento da boemia e da cena cultural do Bom Fim. Parte disso é efeito do Projeto Cidade de 1989 da Secretaria Municipal de

Indústria e Comércio (SMIC) que tinha um plano de ação e controle social rígido às atividades irregulares que desrespeitassem a lei da pressão sonora (PEDROSO, 2009, p. 156). Em 1994 o Bar Ocidente foi fechado por desrespeito à lei da pressão sonora. Com o fechamento do Ocidente e o enfraquecimento da vida noturna no Bom Fim, o público se dispersou em parte para a Cidade Baixa e em parte para a avenida Independência e a rua Barros Cassal, onde haviam o Bambus, o Garagem Hermética e o Beco 203.

Pedroso descreve o Garagem Hermética como espaço que embora não se situasse no Bom Fim estava culturalmente ligado ao bairro. Era “um bar permissivo em um espaço precário que tinha shows de bandas iniciantes e conhecidas na cidade, além de festas caóticas, barulhentas, que viravam a noite” (Ibid., p. 102). O Garagem Hermética foi um espaço bastante importante para a cultura *underground* na cidade pois foi ponto de emergência de diversas bandas influentes do rock gaúcho como Graforrêia Xilarmônica, Tequila Baby, Ultramen e Júpiter Maçã.

Após o fechamento do Garagem Hermética em 2013, a Cidade Baixa foi a sucessora da noite porto alegreense do Bom Fim da década de noventa. A partir disso, as dinâmicas da vida noturna que vinham de uma trajetória de expansão aos interstícios dos bairros no início do novo milênio ficaram centralizadas na Cidade Baixa. O movimento foi se intensificando e as ruas do bairro foram sendo tomadas por uma juventude festiva e embriagada. Mas não por muito tempo. Ao longo de 2016 a Cidade Baixa também foi afetada pelas mesmas medidas disruptivas da vida pública noturna que se impõem às sociabilidades juvenis desde a década de setenta. O controle mais rígido da regulamentação imposta sobre o horário de funcionamento dos bares afugentou os frequentadores noturnos, que dispersaram-se novamente a outros pontos na cidade. Parte do público dissidente das madrugadas na Cidade Baixa migrou para o Brooklyn. O enfraquecimento da vida noturna nas ruas da Cidade Baixa ao final de 2016 pode ter sido um fator preponderante para a eclosão do Brooklyn na cena cultural porto alegreense no início de 2017.

A velha Osvaldo Aranha e a cena alternativa

O desejo de reativar a cena alternativa – *underground* – na cidade, após as sucessivas rupturas foi um dos fatores que motivou os produtores culturais a habitarem o viaduto e impulsionarem o surgimento da cena alternativa no espaço.

O Brooklyn traz uma nostalgia da velha Osvaldo Aranha dos anos 80 e 90, disse Rogério, frequentador da loja de discos. Relembrando momentos da boemia pelas ruas de Porto Alegre

naquela época, ele compreende o *underground* como um cenário onde há *fuga do mainstream em sentido pleno*. Isso faz do Brooklyn um espaço de exclusividade na cidade com as feições estéticas da contracultura.

Nos anos 2000 o Garagem Hermética e o Bambus foram os picos de efervescência do rock gaúcho, mas essa cena foi entrando em decadência assim como a velha Osvaldo Aranha dos anos oitenta e noventa, como conta Caco:

Porto Alegre ficou meio carente de um local, de uma cena que já teve várias. A época da Cidade Baixa, antes a galera ficava ali. Era o Bom Fim, depois deve aquela parte ali de cima da Barros (Cassal) que era o Garagem Hermética, a Fun House, o Bambus. E terminou aí. Então se vê que terminou muita coisa junto com isso aí. Tinha uma concentração de bandas, de artistas que circulavam naquele meio que acabou dispersando.

Buiu Rodriguez, um dos sócios do bar Novetrês, compartilha da necessidade de reativar a cena alternativa que estava em decadência na cidade e esse foi um dos motivos que o levaram a abrir o bar no Brooklyn. Ele contextualiza:

O Novetrês foi uma ideia em parceria com o Eduardo Guspe que é um dos agitadores culturais da cidade. Surgiu essa necessidade da cena alternativa no nosso meio, do skate, da tatuagem, das artes, da música... Tudo isso entrou em decadência desde o fechamento do Garagem Hermética, que era o único pico de resistência de Porto Alegre que ficou suprimindo e mantendo a cena. O Garagem fechou e começou a decadência dos locais, perdendo espaço pras festas mais comerciais onde começou a criar um bloqueio da cena alternativa em Porto Alegre. Então a gente um dia se acertou e resolvemos abrir uma portinha pra manter, pra reativar a cena e a gente descobriu esse bar na Cidade Baixa que nos acolheu mas como ele não era um lance nosso a gente levou o projeto pra dentro do bar, decorando, fazendo programação e reinventando essa identidade que tinha se fechado na cena de Porto Alegre.

Os aspectos que fazem do Brooklyn um local potente para a renovação da cena alternativa são os mesmos que fazem com que algumas pessoas atribuam certo estigma ao viaduto e à suas manifestações culturais, conta Buiu: *por ser rua, por ser um local alternativo que acolhe tudo e todos e também pelo esquema de identidade que deram pro local né... ser embaixo do viaduto, onde tem uma pista de skate, tem morador de rua e tem pessoas que moram aqui na área e todo mundo se respeita.*

A busca por espaços de vida pública noturna se desdobra ao longo do tempo através dos jovens que desbravam novos territórios na cidade para suas práticas. Os sucessivos desmontes da cena demonstram que essas formas de sociabilidade não são tão desejáveis em contextos residenciais de territórios em disputa. As práticas da juventude na rua facilmente são consideradas transgressoras, criando prerrogativas para aumento do controle social pelos órgãos públicos e restrição de suas possibilidades nos espaços públicos da cidade.

Dedicarei a uma agenda de pesquisa futura as questões acerca da criminalização e da associação das práticas da juventude nos espaços públicos a contextos de transgressão e indisciplina. Busquei aqui reconstruir a partir das narrativas a sequência de acontecimentos no território mais amplo de Porto Alegre que levam à atual configuração do contexto do Brooklyn.

3. DE LUGAR INÓSPITO A ESPAÇO PRATICADO

A pesquisa etnográfica mostra que a paisagem embaixo do viaduto não é apenas um lugar de passagem de carros e de pedestres. As estruturas edificadas da cidade se transformam pelos pedestres e pelos usuários que em seus modos de fazer e modos de habitar os lugares, os reconfiguram e neles reconhecem suas ações. Para Michel De Certeau (2012, p. 184), *um lugar praticado é um espaço*. Com base em minhas observações e nas narrativas dos participantes da pesquisa procuro descrever aqui os equipamentos que o constituem como uma *mancha* de lazer, alguns dos atores sociais presentes e as relações estabelecidas entre eles, que fazem do Brooklyn um *espaço praticado*.

Maapeando contornos: o vão e o entorno

O Largo Archymedes Fortini⁸, onde fica situado o viaduto, configura um espaço de trânsito em meio aos fluxos rotineiros dos trajetos entre o Centro Histórico, o Bom Fim e a Cidade Baixa. É delimitado pelas avenidas Loureiro da Silva, João Pessoa e pela Rua Antônio Carlos Guimarães. No largo existem prédios residenciais e estabelecimentos comerciais: a loja de jogos, a fotocopiadora, a loja de discos e dois bares. A partir do largo se compõe um campo de visão que abrange outros importantes espaços e edificações na cidade. Logo em frente está situado o principal parque da cidade, o Parque da Redenção. Nas laterais estão os prédios das faculdades de engenharia, direito e a antiga faculdade de medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); um hotel de alto padrão, o Hotel Intercity e também o prédio da Secretaria Municipal de Saúde.



⁸ Archymedes Fortini foi um escritor jornalista, imigrante da Argélia em Porto Alegre, que escreveu sobre a história da cidade, fotografia e futebol. Foi um importante cidadão da cidade que tratou em seus escritos sobre as transformações urbanas no início do século XX. Fortini faleceu em 1973, aos 85 anos (STEIGLEDER, 2016).

Sarmento Leite, 607.

O prédio que está registrado sob o endereço Rua Sarmento Leite, 607, é uma edificação emblemática na história atual do viaduto. O prédio tem três andares, cerca de dez apartamentos e os módulos do andar térreo são utilizados como estabelecimentos comerciais que forneciam energia elétrica, equipamentos e outros subsídios para os eventos no vão do viaduto. Ele fica situado na continuidade da rua que teve o fluxo de automóveis interrompido pela construção do viaduto. A rua Sarmento Leite se prolonga por baixo do viaduto e parte do trecho que cruza o viaduto ficou restrito ao fluxo de pedestres. A dificuldade da acessibilidade impede a localização do prédio e das demais edificações situadas no Largo Archymedes Fortini nos aplicativos de transporte. Isso prejudica o acesso do público e dos clientes que utilizam os aplicativos como meio de transporte, como contextualiza Munir:

O lugar não existe no mapa. O Uber não chega, a gente criou no mapa o Buenas mas o Brooklyn é de difícil acesso. Se tu não conhece o lugar tu não encontra. Tu vai descer lá na Sarmento Leite, lá do outro lado. Eles não enxergam o lugar. O mapa não acusa, então o cara que vai pedir o uber ele tem que pedir no Edel Trade Center ou tem que pedir no Hotel Intercity mas o Brooklyn não. Quando o mapa do cara diz que é no Brooklyn ele já passou daí quando o cara vê ele tem que dar a volta aí ele não volta. (...) É bem complicado localizar o Brooklyn no mapa, tem que dizer pras pessoas o que é o Brooklyn, porque as pessoas não sabem.

Pode-se propor como ponto de inflexão deste fenômeno de transformação de vocação e de ocupação cultural no viaduto o momento em que em meados de 2015 a empresária Dona Ivone compra o prédio ao lado que estava praticamente abandonado e o reforma. Ela enxergou grande potencial no espaço e a iniciativa de reformar o prédio vai no sentido de *reativar a vida própria do lugar*, em suas palavras.

Ivone Mendina é dona de uma empresa familiar que compra prédios na cidade para reformá-los e renovar o espaço onde a edificação se localiza. Recentemente compraram e renovaram um prédio localizado no bairro Cidade Baixa, na esquina da rua André da Rocha com a rua Lima e Silva. O prédio ficou com o mesmo padrão estético que o prédio 607. Ela fala da potencialidade do espaço em função de conectar diferentes regiões da cidade e também da proximidade do hotel Intercity que incrementa o fluxo de turistas no espaço. Por isso, segundo ela, transformar aquele espaço seria uma iniciativa em benefício da cidade: *quando as pessoas passam por espaços bonitos, elas param para olhar e refletir sobre o lugar.*

Quando ela comprou o prédio estavam ocupados apenas dois apartamentos por familiares do próprio construtor do prédio. Após a reforma os apartamentos e as peças do andar térreo foram colocados para locação. Um desses apartamentos foi alugado por Caco, que foi produtor musical de diversas bandas de rock gaúcho, como Graforrêia Xilarmônica e Júpiter Maçã. Outro apartamento foi alugado por um dos sócios do bar Novetrês, Buiu Rodriguez, também produtor musical, mas no ramo do Rap. Caco decidiu se mudar para o Brooklyn e abrir a loja de discos ali através do convite de um dos sócios do Novetrês:

Ele falou “Caco nós vamo alugar lá, quem sabe tu pega ali também, tem outras lojas, pra gente fazer uma coisa que tenha a ver”. Entendeu? O Novetrês com o vinil, eu já tinha feito umas feiras no antigo Novetrês que era ali na Lima e Silva. A gente já tinha uma relação. Ai eu “Bá, me serve muito” eu disse pra ele... porque ali não vai ser caro, é pequeno, bem o que eu to procurando. Bem localizado e tal... O prédio tava em construção, tavam reformando o prédio. Ai ele falou com a Dona Ivone que é a dona do prédio, já começou a reservar as lojas.

Caco conta que a reforma foi concluída ao final de 2016 e o primeiro espaço a ser aberto foi o Novetrês e em seguida, a Bugio Discos:

O Novetrês veio em agosto e a gente veio em setembro de 2016. Ai no final de setembro a gente caiu ali pra dentro e começou a fazer a cara da loja. A gente ficou outubro inteiro dando uma cara pra ela e em novembro a gente abriu. A inauguração foi pros amigos, familiares, pros clientes antigos.

A praça

Ao lado do viaduto há uma pequena praça que faz parte do largo Archymedes Fortini. Há grama verde e alguns coqueiros para fazer sombra. No início de 2017 alguns dos moradores organizaram-se para adotar a praça e se responsabilizar por sua manutenção, como acontece com alguns dos locais públicos na cidade. A adoção da praça seria também um modo de adquirir autonomia na resolução dos problemas acerca dos usos do espaço para estacionamento indevido. Além disso, os moradores desejavam poder fazer uma revitalização urbanística na praça.

Dona Ivone e os proprietários da Loja Nerdz, interessados em adotar a praça fizeram uma reunião no início de 2017 com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) para discutir a adoção e da revitalização da praça. Não foi possível consolidar o projeto da adoção da praça pois o acordo não foi favorável para ambas as partes. Segundo Dona Ivone, o acordo não aconteceu pois a SMAM tem interesse de que a praça seja adotada mas não oferece nenhuma contrapartida por parte da prefeitura. *Não é um acordo bilateral*, diz ela. Não há respaldo da prefeitura e ela acha que a

prefeitura deveria se comprometer em tirar os carros que ficam ali estacionados. Dona Ivone gostaria que houvesse um posicionamento claro da prefeitura sobre a regulação das festas para preservação do espaço. Ela conta que gastaria cerca de dois mil e quinhentos reais por mês para manter a praça organizada mas não é possível se comprometer com isso se quando acontecem as festas a praça fica destruída após o evento. *É um interesse da coletividade*, ela diz.

Segundo os moradores interessados na adoção da praça, os coletivos que organizam os eventos noturnos e o público frequentador prejudicam a qualidade do espaço pois quando os eventos terminam, o local fica degradado. Foi a partir dessa conjuntura que surgiu o interesse em adotar a praça, como conta Rafael, proprietário da Loja Nerdz:

(...) não é uma questão de privatizar o espaço, mas entender que embora seja público ele tem maior impacto na vida de algumas pessoas do que de outras então quando tu usa aquele espaço as tuas ações vão ser potencializadas. Se tu vem aqui e quebra uma lixeira tu fica sem lixeira por duas horas e vai embora, mas as pessoas que moram ali vão ficar sem lixeira por muito tempo.

As concepções sobre o espaço público e projetos de administração eficiente da praça propostos por Dona Ivone e Rafael, surgem a partir de um espaço idealizado para práticas cotidianas de parques que não são muito recorrentes na praça em questão. Munir, empreendedor local, descreve como gostaria que fosse a praça em frente ao seu restaurante:

Ter policia embaixo do viaduto faria ter um público muito maior, tipo a galera vir aqui tomar um mate com o cachorro invés de ter que ir até a (praça da) Encol. O cara pode vir, tomar uma cerveja, estender uma toalhinha... Nossa ideia era trazer toalhas de piquenique pra galera comer na praça mas assim, é meio foda porque a praça é tomada de carro que não era pra ter. Não era pra estacionar e os carros tão estacionados ali.

Seus ideais de espaço público apontam para um perfil mais adequado aos valores e interesses dos frequentadores de seus estabelecimentos que vendem jogos importados, lanches gourmetizados e chope artesanal. Trata-se de um público com um perfil de consumo que difere daquele que vai ao viaduto para desfrutar de um espaço gratuito e com opções de consumo mais econômicas.

O beco



Talvez o mais emblemático dos espaços na área conflagrada que circunda o viaduto. É uma passagem estreita e obscura que se forma entre uma das laterais do viaduto e a esquina do prédio 607. No beco existe uma casa antiga com varanda no estilo sobrado que está abandonada e com as portas interditas. Ali costumava ser uma casa noturna, o Beco 203, que hoje está localizada na Avenida Independência. Ao lado da casa abandonada está a entrada do prédio mais alto do Largo Archymedes Fortini e em seguida, uma das entradas do bar Novetrês.

Por ser um espaço estreito de baixa luminosidade e com aspecto de abandono, o beco é percebido como um espaço de vulnerabilidade e de medo. Fran é moradora do prédio 607 e sócia do estúdio de tatuagens no mesmo prédio. Ela relaciona a sensação de insegurança ao abandono do espaço: *o beco se torna inseguro porque ele não tem cuidado, ele tá abandonado, a praça ali atrás também tá abandonada.*

Rafael é dono da loja de jogos Nerdz e morador há quase trinta anos do edifício em que fica situada a loja. Ele chama atenção aos modos como os aspectos da configuração arquitetônica do viaduto podem ser fatores agravantes da criminalidade local devido a baixa visibilidade do espaço, contribuindo para uma sensação de insegurança e vulnerabilidade:

Esse beco aqui formado pelo viaduto e pela esquina do prédio da Dona Ivone por alguns anos ele foi eleito o ponto mais perigoso de Porto Alegre. Hoje em dia a coisa tá um pouco melhor. Mas assim, a arquitetura do lugar não favorece muito. (...) Toda essa arquitetura aqui não favorece. Tem a questão do viaduto, tem a questão que todo o campus da UFRGS a partir das 22h30 ele fecha então tu não tem vida ali. A Sarmento (rua) fica deserta, tem a proximidade com as paradas de ônibus porque o modus operandi é os cara assaltarem alguém, correm e entram no primeiro ônibus e tu nunca mais pega.

Em meados dos anos 2000 ficou conhecido como “beco do perdeu” em decorrência da incidência de assaltos. Alana é moradora da Cidade Baixa, ela frequenta o Brooklyn eventualmente⁹ e costumava frequentar as festas no Beco 203. Alana conta como o beco se tornou um local temido: *quando eu me mudei pra Porto Alegre, há muito tempo atrás aqui era um pico que as pessoas eram assaltadas. Era um lugar clássico de assalto. (...) Tinha essa fama, que aqui era o lugar que vinha pra ser assaltado.* O beco ficou assim conhecido como zona de risco pelas narrativas sobre criminalidade, fazendo com que as pessoas que passam por ali tenham “administrar suas práticas sociais num quadro de probabilidade de risco” (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 120), como em tantos outros contextos dos grandes centros urbanos em que houve a “consolidação de um modo de vida em que a possibilidade de agressão, roubo, sequestro e assassinato passam a fazer parte da rotina de vida de boa parte da população” (VELHO, 2014, p. 20).

O Brooklyn é uma passagem pública que alguns hesitam em cruzar, escolhendo caminhos alternativos nas imediações, como é o caso de alguns estudantes do campus da universidade temerosos com a possibilidade de assalto. O Brooklyn é um dos pontos nos percursos cotidianos de Alana que vai até a universidade passando pelo viaduto. Conhecer o beco como um local onde existe a possibilidade de ser assaltada fez com que ela criasse *táticas* ao encontrar o beco vazio:

(...) em viver na rua, experienciar a cidade durante tanto durante o dia quanto durante a noite, a gente vai pegando os macetes assim. Aqui especialmente quando eu chego, mesmo durante o dia quando eu vou passar por aqui tudo depende do que eu enxergo quando eu saio da faixa de segurança e entro aqui. Normalmente tem os skatistas ali então eu me sinto de boa pra atravessar ali. Tem a galera em situação de rua que mora ali também então daí eu me sinto tranquila de passar por ali. Sei lá, uma galera moradora, não tá ali na maldade. Mas as vezes eu quero subir o beco, porque eu quero ir tirar xerox então eu só subo o beco se tem alguma outra pessoa subindo junto ali... Uma mulher ou uma pessoa carregando uma mochila que parece que tá indo pra universidade. Eu só subo o beco se tem outra pessoa. Se tá só eu eu não subo o beco, daí eu passo por baixo do viaduto e vou ali pela (faculdade de) economia.

A presença de pessoas no espaço, junto com outros fatores que são mais de ordem simbólicas e comportamentais do que de segurança pública e policiamento ostensivo, possuem efeitos positivos na sensação de segurança e contribui para desmistificar o medo que habita os

⁹ Entrevistei Alana no dia da Oktober Multicultural.

territórios da vida urbana. As feições do medo e da crise se criam e se transformam nos espaços e estão condicionadas a uma série de fatores de múltiplas ordens, como as condições materiais e de higiene do espaço ou as narrativas, vivências pessoais nos espaços e percepções subjetivas.

O medo é uma emoção complexa produzida a partir da articulação de vários aspectos pessoais, morais e sociais e suas origens nem sempre estão relacionadas às estatísticas de criminalidade. Durante o período de desenvolvimento desta pesquisa não houveram registros de assalto no beco e nem no viaduto, declarou um dos policiais da 2ª Companhia do 9º Batalhão da Brigada Militar, responsável por atender a região do viaduto. As ordens de serviço para o espaço via de regra são para intervenção nas práticas de venda e consumo de drogas ilícitas embaixo do viaduto. O viaduto pode ter herdado a má fama devido a proximidade da rua Avaí que é conhecida como um dos locais mais perigosos nas proximidades dos campus da UFRGS¹⁰.

O aumento da violência urbana e da criminalidade nas décadas de oitenta e noventa foram o principal enfoque na mídia nacional (ECKERT, 2007; PEDROSO, 2013). Os discursos midiáticos sensacionalistas criam uma percepção compartilhada sobre os riscos que se corre ao estar na rua, acentuando a cultura do medo. Em “Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo” Teresa Caldeira aborda os processos de transformações sociais e espaciais nas cidades ocasionados pelo medo das elites de São Paulo relacionados aos discursos sobre criminalidade. Como elemento da cultura do medo, a *fala do crime* reafirma separações e desigualdades através da organização das diferenças no espaço urbano (CALDEIRA, 2000, p. 23). Sensibilizados pela cultura do medo, os encontros no espaço público “se tornam a cada dia mais tensos, até violentos, porque têm como referência os estereótipos e medos das pessoas” (Ibid., p. 301). Segundo a autora, ao operar na organização das diferenças a fala do crime nos indica categorias a serem temidas. Os tipos marginais, por exemplo, são facilmente vinculados a contextos de violência e criminalidade.

A cultura do medo perdura ao longo do tempo e a forma como narramos nossas experiências no presente com base no passado influencia a percepção que as gerações futuras terão sobre o viver na cidade. Assim, “o medo da violência urbana passa a fazer parte da herança social da comunidade cultural a ser transmitida à gerações mais novas” (ECKERT, 2007, p. 21). “Narrar a cidade com medo” também é uma forma de praticar os espaços que visitamos e nossas impressões perduram mais que as experiências, marcando os espaços.

¹⁰ Sul 21, 08/11/2017.

Busquei demonstrar através das imagens e paisagens do viaduto que as sensações de medo e de segurança nos espaços públicos são constituídas e se transformam conforme a variação de diversos elementos. As pessoas na rua, os skatistas em movimento, a qualidade da iluminação, as impressões sonoras, as formas de sociabilidade, o amanhecer e o anoitecer, os dias chuvosos e os dias ensolarados... todos são elementos que compõem a ambientação urbana, alterando percepções e produzindo efeitos significativos nas experiências em espaços públicos.

O Novetrês

Para saber sobre a história do Novetrês, o primeiro bar a ser aberto no Brooklyn após a reforma do prédio 607, conversei com Buiu Rodriguez em uma noite de festa no bar entre ruídos sonoros da música e das pessoas conversando alto. Eram as primeiras noites de calor em novembro e a festa com o DJ Piá prometia. Quando cheguei já havia uma aglomeração de pessoas em frente ao bar bebendo vinho em garrafas e combos de energético com vodka. Alguns rapazes em um círculo faziam demonstrações de *breakdance* entusiasmados. No cenário pulsavam feições da cultura hip hop se assemelhando a um ambiente de lazer noturno cuja descrição abarcaria traços do Baile Charme¹¹ carioca, no viaduto da Madureira. Assim como no Baile Charme, há uma valorização da estética negra e da cultura hip hop. As gurias vestiam roupas justas com pernas a mostra e os rapazes usavam camisetas e bermudas largas. A festa saiu como o encomendado na divulgação da Zero Hora: uma noite de “muito rap e black music”¹². Os grandes hits do rap internacional dos anos noventa ritmavam as coreografias na pista de dança, mostrando a conexão da juventude ali presente com o estilo e a cultura musical norte-americana.

O Novetrês chegou ao Brooklyn em agosto de 2016 e inicialmente era administrado por Buiu, Alexandre Cooper e Eduardo Guspe. Quando conheci o espaço, Eduardo Guspe já não fazia mais parte da equipe. Alexandre Cooper e Buiu então contaram a história do bar. Alexandre Cooper é empreendedor e formado em logística. Buiu é músico, skatista, produtor cultural e organizador da festa “Boom Rap”, que já teve algumas edições no Brooklyn. Já tocou com a banda Ultramen, banda de sucesso no cenário da música gaúcha na década de noventa. Além de administrar o Novetrês, Buiu também mora no prédio 607. Ele é uma figura pública bastante influente no meio

¹¹ Ver CECCHETTO, MONTEIRO, VARGAS, 2012.

¹² Zero Hora, 23/10/2017.

do skate e do rap porto alegre e agregou muitas pessoas aos eventos no viaduto. O Novetrês teve grande importância para os eventos organizados pelos coletivos independentes pois fornecia subsídios e infraestrutura para os organizadores, como energia elétrica para os equipamentos de som, os banheiros e também vendia cerveja. As falas a seguir são de Buiú e foram registradas durante a festa. Unindo fragmentos biográficos, históricos e de vivências, ele conta a história do bar e remonta cenas do passado do viaduto.

Uma das primeiras lojas de grafitti na cidade e a casa noturna:

Por um período teve dois lances bem legais aqui. Teve uma das primeiras lojas de grafiti da cidade e uma das casas noturnas mais badaladas e bacanas da cidade. Junto de tudo isso se criou um nicho da galera andar de skate embaixo do viaduto. Isso tudo vai acontecendo e desperta curiosidade e a gente quer saber onde tá acontecendo. A casa noturna foi bem bacana porque foi um clima bem "casa" onde surgiu em Porto Alegre a cena indie. Rolava muitas festas indie nessa casa e é um tipo de música que eu gosto também mas muita gente me conhece em função do Rap. Era o Beco, eu frequentava o Beco.



Skate, Street Art e carteadado no pico do viaduto:

Comecei a ver o movimento da gurizada andando de skate ali que são pessoas que eu conheço do meio do skate. Surgiu da ideia deles mesmos começar a criar alguns obstáculos embaixo do viaduto pra se tornar mais "skatável". Isso foi por volta de 2003, 2004. Tinha o Beco, a galera começou a frequentar o viaduto e logo em seguida abriram uma loja aqui embaixo e era uma galeria onde se juntava o pessoal da Street Art da cidade. Aqui também onde é hoje o Novetrês era um boteco bem local, dos moradores do bairro que vinham pra cá cartear. Era o ponto de encontro dos nego véio aqui da localidade. Aí o beco saiu daqui, foi pra Independência, a loja fechou e os guris continuaram na resistência andando de skate aqui. Meteram a mão na massa, construíram obstáculos e criando essa identidade do skate embaixo do viaduto. (...) nisso começou cada vez mais diversas pessoas a andar e foi o que criou o pico do viaduto. Surgiu depois do nome viaduto do Brooklyn, mas não sei quem deu esse nome. Foi o que pegou apreço e virou viaduto do Brooklyn. Ele surgiu do fluxo da casa noturna, da loja e depois por resistência dos meninos para ter outro local pra poder andar de skate. Nessa pegada que surgiu toda essa função.



Movimentar a cidade de uma forma diferenciada

Quando era o bar do Seu Everaldo a gente fez um evento aqui. Na época não era nem Novetrês ainda, era um projeto experimental. (...) A gente veio pra cá um dia e fez um soundsystem dentro do bar puxando também pra pista de skate. (...) A gente começou a interagir mais e por andar de skate a gente curtiu o visual e a sonoridade do local. Ficamos esse tempo fazendo o projeto experimental na Cidade Baixa porque entregaram o prédio onde é o bar hoje pra uma reforma que durou um período. A gente tinha o outro bar, mas o projeto sempre desde o início era ter vindo pra cá pra suprir essa necessidade da galera do skate de ter mais um atrativo aqui no viaduto, e também pra trazer as nossas referências. Tanto musicais, como artísticas e culturais pra movimentar a cidade de uma forma diferenciada. A cena alternativa já tava em decadência em Porto Alegre e nós estávamos carentes disso. A gente curte muito a cena alternativa, aí deu o estalo de se juntar e abrir uma portinha pra ter um bar com a nossa cara.



Um resgate de 1993 nos dias de hoje

Foi um ano bem importante pra cena alternativa. Uma galera do Rap entrou em destaque com discos memoráveis até hoje, o skate tava num auge e num respeito universal. (...) A MTV levou toda essa cena alternativa pra dentro da TV, então todo mundo teve oportunidade de conhecer a cena, a arte e a tatuagem também. Teve um grande boom nessa época. Então tudo o que a gente lembrava assim de disco, filmes, vídeo, arte... foi tudo mais ou menos nesse ano de 93. Nós já curtíamos a cena e também aquela Osvaldo Aranha tinha uma mistura de punks, metaleiros, rappers, hippies, então outros gêneros(...) então a gente quis fazer de tudo isso aí um resgate dessa época nos dias de hoje. Além de trazer as novidades de hoje em dia a ideia era passar pro pessoal da nova geração esses acontecimentos desse ano. O bar tem toda uma estética com logos de banda, de grupos de Rap que estouraram nessa época e a ideia sempre é trazer essas referências em dias específicos do bar, (...) é a história dos anos 90 nos dias de hoje.

O skate

Ao final dos anos noventa o vão do viaduto começou a ser utilizado pelos skatistas, e é possível que eles tenham sido os pioneiros na ocupação do vão do viaduto. As vantagens do espaço são a iluminação e a cobertura, que permitem a prática noturna e em dias chuvosos. Assim, o Brooklyn foi reconhecido como a única pista de skate coberta e pública na cidade.

Alguns skatistas se empenharam por volta de 2010 em melhorar o espaço para suas práticas. Além de reparar os desníveis no chão, colocaram algumas rampas, um corrimão, um caixote e um cofre. Conversei com Erton, um dos responsáveis pela instalação. Ele conta que tudo foi feito na clandestinidade durante a madrugada pois não puderam contar com o apoio da prefeitura para fazê-lo. Foram dois dias de trabalho artesanal pesado para construir tudo, numa pegada “*do it yourself*”. O caixote de madeira foi customizado pela artista porto alegreense Paula Plim.

A pista também é utilizada para prática com BMX, bicicletas de pequeno porte para manobras em equipamentos urbanos como meio fio, escadarias ou corrimãos. Cada um faz uma leitura dos obstáculos e executa uma manobra diferente. Erton conta que um skatista, para ganhar reconhecimento, precisa executar uma manobra inusitada e ter um registro ou testemunhas para comprovar. Alguns skatistas renomados fizeram importantes manobras no viaduto, fazendo seu nome no espaço, como Thiago Lemos, Carlos Ribeiro, Alex Carolina, Carlos Ique, Patrick Vidal, entre outros. Atualmente o *pico do viaduto* é uma referência nacional na cena do skate.

Apesar de muitos já reconhecerem os responsáveis pelas instalações no espaço, Erton diz que eles preferem não reivindicar a autoria e manter certo mistério sobre a pista. Alguns inclusive pensam que foi uma iniciativa da prefeitura. Além do Brooklyn, Erton conta que em uma praça perto ao viaduto da Carlos Gomes, eles também fizeram instalações para skate, começaram a cuidar do espaço e a praça foi apelidada de “Zenaide”. Engajaram a vizinhança no cuidado com a praça, pedindo que recolhessem os cocôs dos cachorros. Costumava ser um lugar bastante perigoso a praça, mas com a ocupação pelos skatistas o cenário se transformou.

O Slam e a Batalha do Brooklyn (BDB)

Os campeonatos de *Slam* acontecem semanalmente no viaduto, nos finais de tarde. Aretha Ramos, organizadora da Batalha do Brooklyn, explicou que o *Slam* é um campeonato de poesia

escrita mas não há ataque ao adversário, a competição é individual e os(as) poetas são avaliados(as) por uma comissão julgadora. Já as Batalhas de MC's seguem a lei do improviso. Com rimas improvisadas duas pessoas se confrontam e são avaliadas pela apreciação direta do público. As batalhas acontecem em diversas regiões da cidade que selecionam competidores para a batalha municipal, que indica um(a) competidor(a) para a batalha nacional.

A Batalha do Brooklyn acontece uma vez por mês e a décima edição aconteceu em novembro de 2017. Quando cheguei dois rapazes aguardavam o início da batalha e um outro pintava tags's com um *squeezer* na coluna de sustentação do viaduto, na mureta de concreto e também no caixote de skate. Apenas o Novetrês estava aberto mas não havia muita movimentação. Os competidores e os espectadores foram chegando aos poucos e por volta das oito horas da noite já haviam cerca de cinquenta pessoas no espaço. Alguns bebiam *kits*, uma mistura de energético com vodka e fumavam cigarros de papel.

Latina e Rael-Real fazem rimas e participam das batalhas. Eles me explicaram as regras: são dezesseis pessoas que batalham em duplas. A cada batalha o número de competidores se reduz a metade pois somente um da dupla passa para a próxima etapa. O ambiente das batalhas é bastante masculinizado mas recentemente as mulheres vêm adquirindo maior representatividade no meio. Latina foi uma das primeiras gurias a começar a rimar na cidade. Na primeira Batalha do Mercado em que ela esteve presente havia uma sessão só para *as minas*, mas ela não pôde batalhar porque foi a única mulher inscrita. Rael-Real me disse para observar quem eram aquelas pessoas ali, que poucos deles tem o ensino médio completo mas que as batalhas são suas práticas de aprendizagem e de cultura. Com uma acurada crítica social, *as batalhas são verdadeiras aulas de português e de treinamento psicológico, é a galera da periferia ocupando o centro*, disse Rael-Real.

Aretha, contou que a batalha de rimas em Porto Alegre era centralizada na Batalha do Mercado¹³, mas que aos poucos foi se disseminando para outras partes da cidade. Ela estimula que isso aconteça para que o movimento tenha pontos em vários locais. Para ela, não é um problema que duas batalhas aconteçam simultaneamente, o importante é que se pulverizem. O Brooklyn foi escolhido como cenário das batalhas primeiramente porque era o local onde aconteciam as batalhas do Arco (da Redenção) nos dias de chuva. Desenvolveu-se uma empatia pelo espaço e então resolveram criar uma batalha específica no Brooklyn pela afinidade com a cultura urbana do skate e do hip hop, afirma Aretha.

¹³ Ver ABALOS JUNIOR, José Luis. 2014.

Nankin Club

O Nankin é um espaço criativo localizado no segundo andar do prédio 607. Toledo e Fran são os tatuadores responsáveis pelo espaço. É um apartamento bastante aconchegante, com uma decoração em madeira, alguns pallets reaproveitados e as paredes são ornamentadas com peças artísticas de Toledo. Um som alto de rock'n'roll toca no espaço enquanto Toledo tatua as pessoas no quarto aos fundos, que tem uma janela de frente para o viaduto e para o antigo prédio da faculdade de medicina da UFRGS. Como fica no segundo andar, a janela se alinha a altura da passarela do viaduto. Aquele cômodo fica diretamente em contato com a paisagem superior do viaduto e com o ininterrupto fluxo de automóveis. É como se o viaduto atravessasse a janela.

Para os idealizadores do clube, o Brooklyn surgiu como uma oportunidade de criar um projeto independente unindo arte, cultura e criatividade e que se alinhava à estética alternativa dos estabelecimentos locais. Como tudo no Brooklyn, o Nankin também é um espaço de diversidade. O ecletismo e o inusitado tomam forma nas aulas de yoga oferecidas no clube, que acontecem na sala principal em frente a uma parede pintada com uma grande mandala com uma caveira ao centro.

A Bugio Discos

Após o Novetrês, a loja de discos foi o segundo estabelecimento a se instalar no Brooklyn. Caco, dono da loja, foi quem me abriu às portas para começar a descobrir a comunidade do Brooklyn, contribuindo admiravelmente com esta pesquisa. Diferente do Novetrês que só abria durante a noite, a Bugio estava sempre com as portas abertas, facilitando o acesso dos clientes.

A trajetória da Bugio Discos vem dos tempos de efervescência do rock gaúcho e também do desejo pelo resgate da cena alternativa na cidade. Se por um lado com o Novetrês chega ao viaduto a tendência hip hop com a Bugio, por outro, chega o bom e velho rock'n'roll. Caco foi um dos primeiros moradores do prédio de Dona Ivone. Ele trabalhou como produtor de artistas e bandas que marcaram a história do rock gaúcho como Graforrêia Xilarmônica, Tenente Cascavel e Júpiter Maçã.

Cansado dos tempos de nomadismo com as turnês das bandas e das feiras de vinil, Caco decidiu procurar um ponto para vender os discos. A convite e sugestão de Eduardo Guspe, um dos sócios iniciais do Novetrês, em novembro de 2016 é aberta a Bugio Discos: *no final de setembro a*

gente caiu ali pra dentro, começou a fazer a cara da loja. A gente ficou outubro inteiro dando uma cara pra ela e em novembro a gente abriu. A inauguração foi pros amigos, familiares, pros clientes antigos.

Além de organizar eventos no viaduto, como a Feira do Vinil e alguns shows, a Bugio Discos também fornece infraestrutura, equipamentos, mesas e cadeiras para os eventos organizados pelos coletivos. Quando o número de frequentadores das festas começou a aumentar progressivamente, não foi mais possível deixar a loja aberta em função do vaivém de gente entrando e saindo para usar o banheiro. Para preservar as condições do espaço e dos discos de vinil que ficam expostos, Caco sugeriu a Márcio que trouxesse o Espaço Cultural Lechiguana para o galpão que estava livre ao lado do Novetrês. A proposta era a de abrir uma loja de conveniências e bebidas através da parceria entre o Espaço Cultural e a Bugio.

O Espaço Cultural Lechiguana

O Lechiguana era um coletivo em Gravataí no qual moravam algumas pessoas. Aos domingos a casa era aberta e aconteciam show's. *A galera podia chegar, podia trazer bebida, a galera fazia vaquinha, trazia bebida,* conta Márcio, responsável pelo Espaço Cultural Lechiguana. Além de produtor cultural, Márcio desenvolve cervejas artesanais. Através de alguns eventos organizados por ele no Brooklyn, como o “CB Festival” e o festival “Rock na Praça” foi se desenvolvendo a parceria com os outros produtores locais. Um tempo depois ele decide abrir o Lechiguana no Brooklyn. A Oktober Multicultural foi o primeiro evento com o Espaço Cultural Lechiguana estabelecido no viaduto.

A proposta das produções do Lechiguana são de diversificar os estilos musicais e incentivar as bandas independentes, investindo em bons equipamentos de som nos eventos para proporcionar uma boa qualidade sonora às bandas. Como tanto os eventos independentes quanto os dos produtores locais são gratuitos, é preciso desenvolver táticas para custear as despesas com os eventos e gerar algum lucro para os trabalhadores. Márcio é produtor de cervejas artesanais, então ele consegue um bom custo de produção para estocar cerveja e vender nos eventos do Brooklyn. *O que tá financiando os eventos é a ceva,* ele diz.

O Lechiguana ficou poucos meses na loja de conveniência e venda de bebidas até que houveram algumas mudanças na gestão do Novetrês e uma reconfiguração nos espaços. Buiu havia

deixado o Novetrês e então Márcio assumiu o espaço junto com Alexandre Cooper. Assim, o Novetrês por alguns meses passou a se chamar Espaço Cultural Lechiguana.

Buenas Beer Fun Food

O Buenas fica localizado no andar térreo de um prédio branco de arquitetura contemporânea que fica entre a loja Nerdz e o outro prédio ao final do Largo. É um grande galpão fechado com um portão eletrônico de ferro pintado com uma arte de dois artistas urbanos renomados na cidade, Trampo e Pax. Dentro do estabelecimento há mesas feitas com grandes bobinas para fiação e as cadeiras são feiras de material reaproveitado de pallets, tudo artesanal. O espaço não abre todos os dias, seu funcionamento é condicionado a ocasiões e eventos específicos. Alguns dos ensaios do bloco de carnaval Ziriguidum costumavam acontecer ali.

Munir Zambrano trabalha com gastronomia e é proprietário do Buenas Beer Fun Food. Ele conta que foi proprietário de um dos primeiros *foodtrucks* da cidade, que se chamava Tratoria sobre Rodas e passou a se chamar Royal, vendendo massa e hambúrgueres. Quando foi chamado pela Nerdz para cobrir um evento foi que teve a ideia de alugar o espaço ao lado para abrir o restaurante. Depois que já estava devidamente instalado, Munir organizou o “Ogrofest”, evento que aconteceu no Brooklyn e juntou um grande público. O principal atrativo eram os *mega lanches* artesanais produzidos por ele.

A loja Nerdz

Torres, grades quadriculadas nas janelas e altas paredes de pedras cinzas empilhadas dão forma ao castelo medieval situado no centro da cena underground do Brooklyn. A loja Nerdz é especializada em quadrinhos e em jogos de tabuleiro e RPG (*Role-playing game*) para a cultura nerd. Em cima da loja moram os dois irmãos que administram a administram, Rafael e Guilherme Svaldi.

A família comprou o imóvel há mais de 25 anos. O pai dos rapazes trabalhava com administração hospitalar e a mãe era enfermeira. Com isso, montaram na casa uma clínica geriátrica onde trabalhavam juntos. A família possuía um outro estabelecimento na Cidade Baixa, chamado Jambô, que vendia livros e quadrinhos. Quando surgiu a tecnologia de filmes em VHS (*Video*

Home System), a Jambô inaugurou uma sessão de locação de filmes e posteriormente se tornou a primeira locadora de cartuchos de videogame no estado. Quando começaram a chegar ao Brasil outros produtos nessa linha como RPG's e jogos de cartas foram sendo agregados à loja e ali surgia o embrião da cultura nerd na cidade, no início dos anos noventa.

Rafael conta como a transição dos dispositivos e tencologias de vídeo contribuiu para que a Jambô deixasse de ser um espaço exclusivo para locação de fitas e se transformasse em uma loja, que deu origem a atual Nerdz:

Eu me formei em 98 e a maior parte disso foi quando eu tava na faculdade. Na medida em que foi surgindo uma oferta de produtos, o mercado foi acompanhando e também pelas mudanças tecnológicas o mercado de locação foi desaparecendo. Teve VHS, depois o DVD, e o blu ray. Com o videogame era a mesma coisa. A pirataria cresceu, tu copiava um disco pela mesma diária da locação então não valia a pena, daí nós viramos uma loja. Paramos com a parte de serviços que era a locação e a loja foi crescendo. (...) Existia uma jambo locadora e uma jambo livraria. Conforme o mercado foi mudando a livraria foi crescendo, nós acabamos comprando outra casa. Até que em 2000 nós começamos a publicar livros. Livros de RPG especificamente. Depois de um tempo a editora também foi crescendo aí as marcas se separaram, A Jambô ficou como editora e a loja passou a se chamar Nerdz. (...) Eu me mudei pra cá em 96, 97. Eu sei que eu fiz o final da faculdade morando aqui. A troca de nome (da loja) foi em 2015, bem recente. Tanto que tem muita gente que ainda chama a loja de Jambô.

Foram os irmãos Svaldi, junto com Dona Ivone que tomaram a iniciativa da adoção da praça. Um acordo de apropriação do espaço entre os moradores e a prefeitura seria uma forma de manter a praça cuidada e organizada para prover um espaço aberto de qualidade para eles e para os clientes da loja.

Prato Feito das Ruas

Aos sábados pela manhã uma fila de centenas de pessoas em situação de rua com seus cachorros e seus carrinhos de supermercado se forma embaixo do viaduto. Seja feriado, faça chuva ou faça frio, religiosamente eles têm um compromisso marcado com o Brooklyn aos sábados pela manhã. Rose, uma das coordenadoras, conta que o projeto começou em agosto de 2016. Elas alimentam cerca de 650 pessoas e há 40 cachorros cadastrados no programa para ganhar ração. A equipe do projeto é composta por aproximadamente 40 pessoas entre organizadores, colaboradores e ajudantes que se encontram todos os sábados para distribuir pratos de comida para a população de rua.

Nas proximidades das datas comemorativas, elas organizam edições especiais. No dia 14 de outubro de 2017 a temática foi o dia das crianças. Todos da equipe estavam fantasiados e maquiados. Da caixa de som saíam músicas infantis de ciranda e havia um cantinho de recreação com alguns jogos disponibilizados pela Nerdz, folhas em branco, papéis e canetinhas em cima de mesas pequenas para as crianças. O clima era de alegria e a população atendida estava muito receptiva, interagindo frequentemente comigo. Me chamavam para conversar, para pedir que os fotografasse, para mostrar a bicicleta reciclada, para falar do bebê que está para nascer, da cirurgia que vai acontecer ou do dinheiro de um caso ganho na justiça que precisa ser retirado.

Ao mesmo tempo em que acontecia a distribuição de alimentos, na outra margem do viaduto estava acontecendo o ensaio de um grupo de percussão. Em um determinado momento, chegou um caminhão para fazer a entrega de dois sanitários químicos. Rose disse que os sanitários eram para a “rave” que acontece durante a noite.

Assim como o Prato Feito das Ruas também existem outros projetos em Porto Alegre para dar comida para a população em situação de rua. Aos domingos outro grupo de pessoas distribui alimentos no viaduto da Rua Silva Só, no bairro Santa Cecília.

A Central Única das Favelas (CUFA)

Historicamente o viaduto foi espaço para práticas de esportes urbanos, como skate e basquete de rua. Em meados de 2009 a Central Única das Favelas do Rio Grande do Sul (CUFA – RS), que desenvolvia atividades de prevenção ao uso de drogas e torneios de basquete de rua no viaduto, recebeu um comodato da prefeitura válido por trinta anos. Foi elaborado um projeto arquitetônico para estruturar o espaço para desenvolver outras atividades, como a inclusão de academia e salas de aula. No entanto, a Secretaria Municipal responsável pela custódia das plantas do espaço fora alagada há algumas décadas atrás e esses materiais foram perdidos, inviabilizando obras de engenharia no espaço do viaduto, contou Dinorá Rodrigues, coordenadora administrativa da Central Única das Favelas (RS).

A CUFA atualmente está envolvida com a gestão do Centro da Juventude Cruzeiro, que é um projeto da Secretaria do Desenvolvimento Social, Trabalho, Justiça e Direitos Humanos (SDSTJDH) do Estado do Rio Grande do Sul para a redução da criminalidade e dos índices de mortalidade juvenil nas comunidades do Estado. Por estarem envolvidos com o outro projeto, não

têm desenvolvido ações no Brooklyn há alguns anos, mas relataram estar interessados em promover eventos ali sempre que possível.

Entrando em campo e domesticando o estranhamento

Em uma tarde quente e ensolarada de agosto (2017) caminhei pela rua Sarmiento Leite, que divide o campus central da Universidade em duas partes, e segui em direção à Loureiro da Silva. Ao me aproximar do viaduto da avenida João Pessoa comecei a diminuir o ritmo dos meus passos. Olhei ao entorno e pensei em me sentar nas escadas do prédio histórico da antiga faculdade de medicina, que atualmente é o prédio do Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Aquele local permite uma vista privilegiada de uma das laterais do viaduto, mas não é perto o suficiente para que a observação implique em uma inserção de fato no espaço. Me aproximei e cruzei a parte coberta do viaduto a passos lentos, observando o entorno. No momento não havia nenhum skatista nas pistas, mas haviam algumas pessoas próximas ao fundo do viaduto. Avistei dois bancos de concreto que tangenciam a parte coberta e me sentei em um deles e ali permaneci com uma observação flutuante, estando atenta aos sinais do ambiente e mantendo-me integralmente disponível para possíveis interlocuções.

Senti um certo constrangimento em estar sentada ali sozinha pois aquela não era uma prática comum para mim. No entanto, permaneci ali por algum tempo na companhia do meu diário de campo para não me sentir tão sozinha. As pessoas que estavam embaixo do logo notaram a minha presença. Ali onde eles ficam abrigados existem alguns móveis velhos, tapumes e cobertores. Um homem dormia em um velho sofá e outras quatro estavam em pé nas redondezas. Notei que me observavam e que faziam alguns comentários me fitando.

O tempo que fiquei ali me permitiu observar que há uma movimentação intensa de pessoas que chegam e partem daquele espaço, inclusive algumas mais bem vestidas cuja permanência ali é bastante breve. Havia uma certa agitação entre suas interações jocosas e olhares desafiadores. Uma mulher de aproximadamente cinquenta anos, passou pela minha frente analisando o meu caderno, me olhou rindo e logo disse que eu estava muito concentrada. Em seguida passaram dois rapazes mais jovens, um pela minha frente e um por trás de mim. Eles não tinham pudor no olhar em analisar o que eu estava fazendo ali com aquele caderno. A seguir, passou por mim um rapaz tomando cerveja e fazendo gestos obscenos. Depois dele veio um menino que pedia alguns trocados.

Transcorrido algum tempo, passou por mim uma mulher negra, com cabelo raspado, um alargador verde neon na orelha e usando um vestido branco. Passou me olhando e eu correspondi ao olhar. Ela sentou ao meu lado sem dizer uma palavra enquanto manuseava algumas pontas de baseado. De longe um rapaz me olhava e como se já me conhecesse me pergunta as horas gritando. Eu respondi de longe, também gritando.

Era um constante exercício de reflexividade. Eu sabia que estava sendo observada e mais que isso, que eu era uma presença estranha no espaço. A força enunciativa dos olhares era gritante. O estranhamento havia tomado conta da cena plenamente e o desconforto me convocava a deixar o espaço.

Para pensar e escrever sobre essas populações é preciso de rigor e criatividade, diz Taniele Rui, referência para os estudos antropológicos da população em situação de rua no Brasil. A partir da observação de seu inserimento no contexto do viaduto, compreendo-os como sujeitos com uma forma particular de apropriação do viaduto, entre tantas outras já descritas.

Embaixo do viaduto vivem algumas pessoas em situações precárias de vida. O viaduto é um teto para quem não tem teto. Eles não fixam residência ali, pois nunca são os mesmos rostos que figuram no espaço. Eles constroem suas instalações com um mobiliário provavelmente rejeitado por outras pessoas. Esses fragmentos de tapumes, madeira, sofá e cobertores são frequentemente reordenados no espaço, adquirindo diferentes configurações a cada dia. Esses usuários do espaço

são frequentemente fiscalizados e quando acontecem as batidas policiais, muito do que eles têm é confiscado e o pouco que sobra fica revirado.

Em novembro de 2017 houve um assalto na rua Avaí, nas proximidades do viaduto, que deixou um aluno da UFRGS ferido. O episódio foi amplamente divulgado na mídia e a população que vive embaixo do viaduto foi facilmente enquadrada como suspeita. Naquela ocasião ocorreram com mais frequência as batidas policiais truculentas afugentando os habitantes e apreendendo seu mobiliário. Apesar de serem naturalizados como sujeitos vinculados a contextos de violência e insalubridade, nas dinâmicas cotidianas do viaduto as relações desenvolvidas entre a população de rua e a vizinhança representam a antítese de um contexto de violência.

Cada grupo que utiliza o viaduto cuida do seu espaço ao seu modo. “*Os nóia*” ou “*os dingos*” como são chamados por alguns moradores e pelos skatistas, desempenham um papel de grande importância na limpeza e na segurança do viaduto. Existe entre a população do viaduto e os moradores do entorno um acordo tácito de segurança. Não é interessante para o primeiro grupo que aconteçam assaltos por serem prontamente responsabilizados pela ocorrência de qualquer criminalidade nas redondezas. O acordo consiste em uma *política da boa vizinhança*, como alguns dos interlocutores designaram essa relação:

Então a gente faz a política da boa vizinhança. Eles pedem água e a gente dá água, eles querem carregar o celular e a gente bota pra carregar o celular. A gente vende cerveja até mais barato pra eles as vezes, os latão. Porque eles mesmo chegam e dizem pra gente “qualquer coisa dá um grito pra gente”. É a tal da loucura que a gente tá vivendo hoje em dia. Os caras acabam fazendo a segurança da sociedade que o governo não te dá, saca?

Existe uma relação aparentemente harmoniosa entre os diferentes moradores do viaduto e a presença daqueles que habitam o vão do viaduto é bastante significativa para a redução da insegurança no local. Além disso, em troca de alguns trocados, contribuem com a limpeza do viaduto varrendo as calçadas dos estabelecimentos.

4. TERRITÓRIO EM DISPUTA

As formas expressivas no viaduto sugerem que se trata de um espaço sujeito a múltiplos dinamismos. Algumas de suas manifestações são dotadas de notável valor político, como as peças de teatro de militância, as reuniões do Diretório Central dos Estudantes da UFRGS e a aula aberta com Guilherme Boulos, candidato a presidência da República neste ano. São múltiplas as formas de sociabilidade que configuram a complexidade das práticas vividas nesse espaço. Nesse capítulo, procuro abordar as feições do conflito e das contradições. Chamo atenção para o jogo social desenvolvido no território em disputa onde se relacionam diferentes atores que afim de lidar com as limitações que lhes são impostas, desenvolvem *táticas* astuciosas (CERTEAU, 2012). Para pensar os sentidos políticos da experiência urbana e os embates de cidadania nos espaços público utilizo o referencial de Antonio Arantes (2000) e Rogério Proença Leite (2002), que constrói uma análise da resistência às normas que regulam o uso do espaço na lógica do poder administrativo. Parto também da interpretação que Georg Simmel (1983) dá ao conflito como uma entre tantas outras forma de relação que a cidade possibilita.

Pluralidade de ritmos e estilos: hip hop, cumbia e MPB

No dia 26 de novembro de 2017, quem ia ao Brooklyn sentia a estrutura do viaduto tremer com a superestrutura de som que havia sido montada para a primeira edição do “Festival de Hip Hop Zumbi dos Palmares”. O evento marcou o fim da Semana da Consciência Negra e aconteceu no mesmo dia estava acontecendo a Parada Livre do Orgulho LGBT na Redenção. Considero o evento um marco na história do viaduto pois reivindica fortemente a presença negra no espaço do Brooklyn que segundo Tiry, organizador do evento, *é um lugar de resistência, é onde as pessoas da periferia se encontram no centro*. A programação do evento foi intensa com batalhas de MC’s, Slam e shows de bandas de rap locais renomadas e foi encerrada com um show do rapper MV Bill. O festival foi organizado por Tiry, integrante do grupo de rap BFN (Banca Forte da Norte) e agitador cultural em um bairro Rubem Berta em parceria com coletivos de cultura, o Embolamento Cultural e o Juntos.

A “Cumbia na Rua” pode ter sido um dos primeiros eventos de massa a acontecer no viaduto. De todos os eventos é um dos que mais agrega pessoas, nos dias em que o evento luta com

milhares de pessoas é difícil se locomover entre as pessoas que estão em um estado coletivo de *frenesi*. É um dos eventos mais democráticos em respeito a seus frequentadores e comerciantes ambulantes. Não é um evento regado e não há restrições ao público, mas também há queixas dos moradores a respeito das condições deturpadas do espaço no dia seguinte. Na festa toca muita cumbia, reggaeton e outros ritmos latinos. Vendedores ambulantes de cerveja, pipoca, churros e cachorro quente se misturam com os vendedores de cerveja artesanal, com os *foodtrucks* e com as barracas de Capeta, que vendem coquetéis alcoólicos diversificados. A Cumbia geralmente se estende madrugada adentro, gerando alguns conflitos com os moradores, que se queixam também do dia seguinte em que o viaduto amanhece sujo e com cheiro de urina. Os conflitos envolvendo os moradores fizeram com que Sinistro, organizador do evento, transferisse a Cumbia para outros espaços na Cidade Baixa.

Por fim, o “Samba de Terça”, organizado pela banda Encruzilhada do Samba, foi o evento noturno que resistiu por mais tempo no Brooklyn com um público cativo que toda terça-feira marcava presença no espaço. Em parceria com o Espaço Cultural Lechiguana, a Encruzilhada sempre foi comprometida com a organização e com o espaço. Os banheiros químicos eram alugados e pagos por eles. A eletricidade para os equipamentos de som e as cadeiras e mesas para a banda eram fornecidos pelo Lechiguana. Havia uma parceria com a cervejaria NAZCA, que acompanhava a banda nas terças-feiras, montando uma tenda para venda de cervejas artesanais.

Antes do Brooklyn, a Encruzilhada tocava no Aldo, um bar no bairro Menino Deus, e também no Tutti, no viaduto Otávio Rocha. Diante de um cenário cultural na cidade que mais restringe do que incentiva novas iniciativas, Lu Mello, integrante da banda, conta que *a territorialidade dos espaços que são oportunos para o trabalho do músico tá muito limitada*. Na *arqueologia dos lugares alternativos*, como ela chama o movimento de busca por espaços para tocar, a Encruzilhada encontrou no Brooklyn uma parceria para das continuidade aos trabalhos: *foi o lugar que acolheu*.

Cultura popular e resistência: não deixe o samba morrer

A cultura popular resiste nas ruas, debaixo das marquizes, sob os viadutos, feito vela acesa na encruzilhada iluminando os caminhos.

A batucada anuncia o alimento das almas que dançam ao sabor dos ventos e que inspiram e fazem rodopiar produzindo energia para a semana que segue.

(...)Nosso abaixo-assinado só cresce enquanto o movimento se fortalece na união de diferentes segmentos sob a bandeira da diversidade e da inclusão. A cada nova terça-

*feira aumenta a multidão em torno da roda da Encruzilhada do Samba no #viadutodoBrooklyn.
não deixaremos o samba morrer! não deixaremos o samba acabar!*¹⁴

No último ano o viaduto experimentou o ápice de sua efervescência cultural com acontecimentos marcantes mas recentemente tem passado por um momento de esvaziamento do público. A agenda intermitente de eventos e o crescente público começaram a ser questionados pela vizinhança que se queixava pelo som alto e pela sujeira do espaço após os eventos.

As queixas acerca do barulho já aconteciam desde o ano anterior, quando os eventos começaram a ganhar maior visibilidade na mídia. No entanto, em abril de 2018 os moradores produziram um abaixo assinado que levou o Ministério Público a abrir um inquérito para fazer a apuração dessas denúncias. Neste processo aconteceram audiências, reuniões para negociação de condutas e foi criada uma comissão de diálogo composta por representantes dos coletivos que ocupam o espaço do viaduto. A comissão foi composta por representantes dos grupos sociais que estavam envolvidos no debate público sobre o espaço. A saber: Movimento Cidade Baixa Viva, Bloco da Laje, Encruzilhada do Samba, ONG Embolamento Cultural, Slam, Espaço Cultural Lechiguana e a Cumbia na Rua. Foi criada uma página no facebook intitulada “Movimento em Defesa do Brooklyn” destinada à divulgação de atividades e programação cultural relativas ao movimento e ao Brooklyn.

O público se engajou com expressividade na defesa do Brooklyn. As noites de terça-feira passaram a ser noites de resistência e de manifestações em defesa ao direito à livre manifestação cultural nos espaços públicos da cidade. Um dos efeitos do decreto de fechamento dos bares foi o de reunir muito mais gente nas rodas de samba. Foi elaborado pelos frequentadores um “contra abaixo-assinado” que reuniu centenas de assinaturas, reivindicando a democratização do espaço público e sua garantia de acesso a todas as pessoas. Respaldavam sua argumentação no abaixo-assinado com princípios constitucionais da liberdade de expressão e do lazer como um direito social, na vereda do ideal de cidade moderna aberta e acessível a todos(as). Apontavam também os princípios do Plano Diretor de Porto Alegre que dizem respeito à *gestão democrática, promoção da qualidade de vida e do ambiente, a fim de reduzir as desigualdades e a exclusão social, bem como o enriquecimento cultural da cidade.*

Após a abertura do inquérito no Ministério Público as fiscalizações da polícia se tornaram

¹⁴ Excerto da descrição do evento no facebook da roda de samba do dia 08/05/2018.

recorrentes e foram adotadas algumas estratégias para afugentar o público, como confisco das mercadorias e desligamento da energia elétrica. No samba do dia 8 de maio a banda saudou no microfone a presença de representantes do Ministério Público que estava no espaço investigando a pressão sonora. Pontualmente às dez horas da noite, horário em que o evento deveria encerrar pela lei do silêncio, a iluminação pública foi cortada e junto com isso as caixas de som da banda pararam de funcionar. Imediatamente houve uma pausa mas a banda seguiu tocando com a instrumentação acústica e acompanhados das centenas de vozes que cantarolavam as cantigas populares.

Apesar do esforço dos movimentos em defesa de sua permanência no espaço, os eventos e a movimentação cultural foram pouco a pouco perdendo forças. A situação se agravou quando agentes do Ministério Público decretaram o fechamento de um dos principais bares do viaduto, o Bar do Brooklyn (que já foi Novetrês e Espaço Cultural Lechiguana).

Os decreto judicial do fechamentos dos bares se deu por outros motivos que não a perturbação do silêncio no espaço. Foram atribuídas justificativas a respeito da irregularidade nos registros dos estabelecimentos. O que se pôde observar nas terças-feiras seguintes foi que a estratégia adotada pelo poder público para dissipar os encontros foi restringir ao máximo as possibilidades e as condições de o evento acontecer. A Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (SMIC) aumentou a fiscalização e o confisco das bebidas nos eventos. A Força Gaúcha de Pronto Resposta e a Brigada Militar marcavam presença no Brooklyn constantemente. Setembro e outubro foram meses críticos para o movimento. Houveram incursões truculentas da Brigada Militar, criminalizando a roda de samba e afugentando o público com gás lacrimogênio. Na primeira roda de samba de outubro, havia uma certa tensão devido a uma ação da polícia na terça-feira anterior na qual dois jovens foram levados para a delegacia:

Noite úmida e chuvosa de terça-feira. O assunto do qual todos falavam era o caso da última terça em que a roda de samba foi subitamente interrompida logo que começou a tocar pois os policiais haviam chegado no viaduto com abodagens violentas ao público, aos músicos e aos vendedores de cerveja. O dia chuvoso e o público pequeno naquela terça levaram ao êxito da interrupção definitiva do samba pelo policiamento ostensivo. Um casal foi detido e levado à delegacia, as cervejas artesanais foram confiscadas e o samba acabou antes mesmo de ter começado. O acontecido da semana anterior fez com que muitas pessoas fossem para o samba desta terça mesmo que a noite estivesse chuvosa. Até RBS estava no viaduto gravando uma reportagem. No entanto, havia apenas um vendedor ambulante de cerveja. Ele disse que por causa do acontecido, estava receoso de ir trabalhar e ter sua mercadoria confiscada. Provavelmente foi o motivo que impediu que outros estivessem lá também. Um casal que vende cachacinhas artesanais estava lá mas com os produtos guardados no carro, observando as condições de segurança para montar a banca e colocar as doses de cachaça à venda. A cervejaria que sempre estava presente também não apareceu por lá. As luzes piscantes das viaturas da polícia fazendo ronda refletiam no teto do viaduto que se coloria em vermelho. Duas robustas viaturas da Força Gaúcha de Pronto Resposta estacionaram em frente a praça e delas desceram vários policiais segurando grandes armas em frente aos seus corpos. O clima de tensão de instaura no espaço. Há alguns burburinhos mas ao mesmo tempo não se exaltam os humores, a roda de samba segue como se

houvesse um acordo implícito em “fazer pouco caso” da presença policial no espaço. Na dinâmica dos movimentos sociais, quando há violência contra o grupo, o grupo oprimido se fortalece. Já havia expectativa daquela visita depois do ocorrido na semana passada. Dissimulante, assim, a potência do coletivo se engrandecia embalada pelo som e pela alegria do samba.

Entre negociações, propostas e contra-propostas com o Ministério Público sem resoluções satisfatórias, foi havendo um desgaste no movimento. A Encruzilhada do Samba era o único agente de contato mediando as negociações pela parte da defesa dos interesses da banda e dos frequentadores. Os custos para continuar tocando no Brooklyn ficaram altos após o fechamento do bar para a banda cujo único ganho vem do chapéu para contribuições espontâneas. Assim, a derradeira roda de samba no Brooklyn aconteceu então no dia 30 de outubro de 2018.

O Brooklyn em defesa da democracia

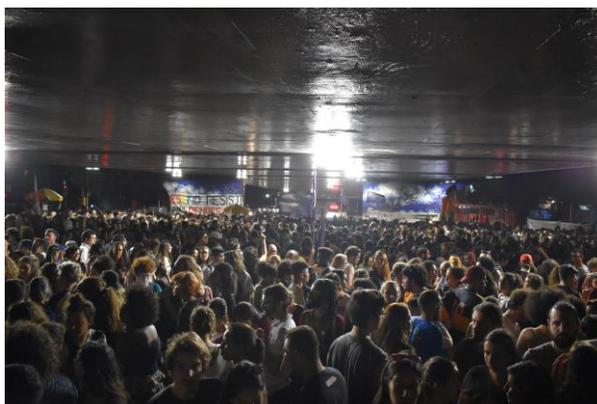


Ato em defesa da democracia, dia 29/09/2018. Autoria desconhecida.

Na segunda metade de 2018 as eleições presidenciais polarizaram o país em ideologias políticas distintas. Uma série de embates políticos foram travados e milhares de pessoas foram as ruas em todo o Brasil. Nesse período o Brooklyn teve notória visibilidade como espaço político. As reuniões do Diretório Central dos Estudantes da UFRGS para organização do movimento estudantil e debates sobre a atual conjuntura política foram marcadas no Brooklyn, levando centenas de estudantes universitários, secundaristas e coletivos de militância ao espaço. As

manifestações em defesa da democracia e a campanha #elenão protagonizada por mulheres marcaram significativamente o mês das eleições. Milhares de pessoas marcharam juntas pelas ruas da cidade e o Brooklyn foi um ponto de encontro e debates nesse contexto.

Além disso, no dia 25 de outubro, uma aula pública sobre fascismo que foi impedida pela Justiça Eleitoral de acontecer dentro da UFRGS foi transferida para o Brooklyn. A aula foi proferida por importantes personalidades políticas como Maria do Rosário, Fernanda Melchionna, Tarso Genro e o candidato à presidência da república pelo PSOL, Guilherme Boulos. O evento foi organizado pela “Frente Povo sem Medo” e contou com a participação de diversas lideranças políticas populares e representantes dos movimentos estudantis. O Brooklyn nunca esteve tão cheio e enérgico.



Políticas do e no espaço

Como lugar de referência para distintas práticas, o viaduto é representado e significado conforme as apropriações que se fazem a partir deste. De um lado estão os residentes dos prédios que entendem o espaço como seu lugar de residência e descanso. Da outra parte, estão os novos estabelecimentos comerciais e produtores de eventos juntamente com os frequentadores dos eventos culturais que chegaram em grande contingente promovendo uma ocupação do espaço.

A complexidade da experiência urbana e das relações perpassadas por afetos e por contradições que nela se criam se organiza através de fronteiras simbólicas “que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais” (ARANTES, 2002, p. 106). Essas fronteiras são flexíveis e configuram “territorialidades flexíveis” (Ibid, p. 107). Na convergência dessas territorialidades se criam zonas de contato onde se desenvolvem os conflitos onde se distanciam os atores sociais e o desacordo reside no fato de que ambas as partes desejam fazer prevalecer o seu modo de significação do espaço. A existência do conflito levanta questionamentos sobre a organização das diferenças conflitivas no Brooklyn: como é possível acomodar as diferenças no espaço de modo que a experiência seja satisfatória para ambas as partes?

Os moradores entendem o espaço do viaduto como residencial, pertencendo a uma rede de relações de vizinhança e de permanência no local. Os frequentadores circunstanciais dos eventos fazem parte de redes de sociabilidades voltadas para o lazer e promoção da cultura. Os atores, portanto, se distinguem a partir do pertencimento a diferentes redes de relação no espaço e com o espaço, são gente de diferentes *pedaços*. Nesse sentido, pode se dizer que no viaduto se sobrepõem ao menos dois distintos *pedaços* que demarcam posicionamentos sociais e moralidades distintas.

Contextualiza Rafael:

Então assim tu tem vários grupos, várias tribos, vários interesses. De um lado especificamente o que que nós temos: um conjunto de comerciantes com vários interesses e nós temos moradores porque o pessoal esquece que é um bairro residencial. Na verdade todos os prédios aqui são residenciais. Então temos os moradores e existe uma demanda das pessoas que frequentam o lugar. O pessoal do centro de saúde, o pessoal da UFRGS... e existem esses coletivos que buscam ocupar espaços através de “x” critérios. Vários desses interesses são concordantes e alguns deles são extremamente discordantes.

Rogério Proença Leite (2002) e Antonio Arantes (2000) analisaram processos de ocupação dos espaços públicos e os conflitos que os perpassam. Proença Leite faz uma análise da dialética entre usos e contra-usos dos espaços a partir da revitalização de Manguetown no Recife; e Antonio

Arantes discorre sobre os aspectos políticos e culturais da participação no espaço público no contexto de São Paulo. Amparada pelo referencial desses dois autores, procuro refletir aqui sobre as dinâmicas do conflito no viaduto.

Interpreto o conflito que culminou com o encerramento da vida noturna no Brooklyn como uma *forma de socição* (SIMMEL, 1983) que surgiu a partir da desarmonia entre valores atribuídos ao espaço que se constituem em distintos modos de vida e concepções sobre os usos do espaço. Esses valores organizam as disposições do espaço, dos grupos e dos atores implicados nas dinâmicas do contexto. Deste modo, a partir da observação dos arranjos entre determinações institucionais, gestão autônoma do espaço e os processos de ocupação, é possível distinguir as formas como se arranja o espaço de acordo com as diferentes visões.

Segundo Proença Leite, é nos encontros com a diversidade que a vida pública possibilita a reafirmação das diferenças e a legitimação de visões de mundo. A existência de visões conflitantes no espaço é o que nos abre possibilidades democráticas de diálogo nesses contextos em que “as pessoas compartilham ou disputam realidades, de onde aflora a condição humana da pluralidade, base da difícil convivência social e das relações de poder” (LEITE, 2002, p. 17).

Antes da expansão da acalourada vida noturna, o Brooklyn já era utilizado para atividades de lazer durante o dia, que convergiam com os interesses dos moradores a medida em que os eventos de dia contribuíam para a segurança do local. Quando os moradores começaram a se queixar sobre a perturbação no sossego, as relações se transformaram e emergiu o conflito. O conflito, segundo Simmel (1983, p. 122), tem como causas os *fatores de dissociação* e a necessidade é um deles. O conflito no Brooklyn se desenvolveu para a solucionar um dualismo divergente decorrente do encontro de necessidades distintas: a de sossego e a de lazer.

De acordo com Antonio Arantes, a ocupação de espaços públicos é por si só uma dinâmica de ação coletiva dotada de uma significação política. No entanto, quando as queixas sobre o barulho chegaram ao Ministério Público o Brooklyn passou a ser um território em disputa em um *embate de cidadania* (ARANTES, 2000).

Os frequentadores somados aos organizadores dos eventos e alguns moradores simpatizantes da causa então se organizaram e criaram o “Movimento em Defesa do Brooklyn”. A crise e a insurgência que decorreram do conflito fazem eclodir a “potência enunciativa dos sentidos políticos da experiência urbana” (ARANTES, 2000, p. 11) que unificou os atores na defesa da livre manifestação cultural e artística. O movimento de ocupação se fortaleceu e as chamadas para os

eventos seguintes tinham uma conotação política, imprimindo outros sentidos à ocupação do Brooklyn: “essas significações, ou contra-sentidos, que diferem daqueles esperados pelas políticas urbanas, contribuem para uma diversificação dos atuais sentidos dos lugares” (LEITE, 2002, p. 121). Confrontando os usos previstos dos espaços por uma ordem dominante os contra-usos, segundo Proença Leite podem contribuir para politizar taticamente uma paisagem urbana e “representar uma reordenação da sua lógica interativa a partir das apropriações (“táticas”) dos espaços mediante a construção dos lugares” (LEITE, 2002, p. 122).

As regulações disciplinares que impõem regras aos usos do espaço, implicam na criação de *táticas* pelos coletivos para garantir sua permanência no local. Michel De Certeau (2012, p. 95) diz que as *táticas* jogam com um terreno que não lhe é próprio, e que não provém bases para estocar benefícios de apropriação do espaço, nem aumentar a propriedade ou prever saídas. Portanto, as *táticas* são contingenciais e o que se ganha com elas pode não se conservar ao longo do tempo. Elas não possuem um postulado de poder próprio e soberano. “Comandada pelos acasos do tempo, a *tática* é determinada pela ausência de poder” (2012, p. 95). Os coletivos, então, utilizam o espaço de forma hábil a partir das condições que lhes são impostas. Mas se apropriar de forma tática dos espaços urbanos não significa somente resistência à ordem dominante, significa usar os espaços em seus próprios termos e formas de fazer, seguindo sua tradição própria.

As dinâmicas da vida noturna no Brooklyn duraram cerca de dois anos, desde o marco da reforma do prédio 607 até o processo de interrupção a partir das queixas sobre o barulho. O que engendrou o conflito foram diferentes concepções sobre o espaço público e seus usos esperados. A dificuldade de chegar em um acordo que fosse satisfatório para ambas as partes deixou os coletivos noturnos às margens das determinações do Ministério Público. A análise do caso mostrou que para interpretar as faces de um conflito envolvendo cidadania e espaço público, é preciso entender os significados de pertencimento para cada grupo que compartilha os espaços públicos e relativizar os entendimentos sobre o que é o espaço, para que serve e como se espera que seja utilizado.

5. A ARTE E O TEMPO

Esse capítulo trata materialidades, arte e *maneiras de fazer e usar* os espaços. Chamo atenção aqui a um aspecto particular da trama social implicada no viaduto: os efeitos dos diferentes saberes e fazeres nas transformações materiais da paisagem do viaduto. A observação etnográfica permite ver os traços do tempo e as marcas de sociabilidade que duram nos territórios da vida urbana. Introduzo Ildo Torres, um artista urbano que pinta quadros em painéis de madeira reciclados, e também chamo atenção a outras intervenções artísticas que marcam distintas temporalidades e feições estéticas no viaduto. Além disso, trago à cena uma antiga torre de relógio localizado no largo Archymedes Fortini que se tornou um monumento e marco temporal das transformações no sistema de transportes urbanos no século XIX.

Evidências do vivido

É de costume das organizadoras do projeto Prato Feito das Ruas decorarem o viaduto nos finais de semana próximos de datas comemorativas. Na semana do dia dos namorados o viaduto foi decorado por elas com tons de rosa e lilás. Um dos corações que compunham a decoração foi deixado no viaduto pendurado em um dos ganchos que ficam na cobertura do vão do viaduto e ali permaneceu durante alguns dias. Os eventos que acontecem durante a noite deixam seus rastros na manhã seguinte: garrafas e latas de bebidas alcoólicas pelo chão, tocos de cigarro, novos tag's e grafitti pelos pilares que sustentam o viaduto e cheiro de urina. Outros sinais anunciam nos muros o que está por vir, como cartazes para divulgação de novas festas. O mobiliário de tapumes, sofás e cobertores da população em situação de rua está em constante movimentação. Quando há batida policial os materiais utilizados para abrigo são confiscados, deixando nas paredes apenas as marcas escuras do fogo anunciando que alguém habitava aquele espaço. Geralmente não leva mais que um dia ou dois para que retornem ao viaduto e construam novas instalações para ali permanecer, pelo menos até a próxima batida policial. Alguns dos equipamentos para a prática de skate são móveis e estão sempre mudando de posição no espaço possibilitando a execução de diferentes manobras e criando novos desafios. No beco, as luminárias transversais de led coloridas instaladas em junho

de 2017¹⁵ hoje consistem em uma junção de fragmentos de instalação elétrica deteriorada e cacos de vidro. Embora atualmente esteja disfarçado em meio a uma sobreposição de elementos artísticos, a obra *Céu* da artista Zoé Degani, reveste os pilares do viaduto com peças de cerâmica esmaltada. A obra foi selecionada pelo concurso “Espaço Urbano, Espaço Arte” em 2002 para compor a ambiência do viaduto e ali permanece desde 2009 respondendo a uma política de revitalização de espaços públicos em convergência com a promoção da arte pública em espaços deteriorados na cidade (ECKERT; ROCHA, 2017).

A configuração espacial do viaduto tem uma dinamicidade em sua ordenação que se altera cotidianamente e as evidências materiais indicam formas particularidades de apropriação do espaço por seus usuários. Ao observar o fluxo das materialidades no espaço é possível vislumbrar os traços de práticas que marcam o lugar. Traços que ficam e que contam histórias.

O que as formas materiais e as manifestações artísticas dizem sobre uma sociedade?

Os usuários deixam marcas no espaço. Elas demarcam as formas de apropriação passadas e endossam as práticas futuras. O viaduto a todo tempo mostra sinais de uso e intervenções que dão forma à “presença obsessiva de ausências traçadas em toda parte” (CERTEAU, 2012, p. 77).

Em suas artes de fazer e seus modos de habitar, os usuários são os *praticantes do espaço urbano* que jogam com a ordem do lugar trazendo a pluralidade e a criatividade em suas formas de transitar pela identificação com o lugar (CERTEAU, 2012, p. 87). Suas ações são reconhecidas através dos usos que fazem do espaço. Se uma ordem dominante tipifica o viaduto como espaço ermo, as práticas transformam os códigos do espaço e vinculam a ele acontecimentos, pessoas e histórias. Driblando os sistemas impostos surgem no cenário do viaduto as intervenções artísticas: o pixo, os *graffiti*, a arte institucionalizada e a sucata.

A sobreposição de elementos no viaduto remete a diferentes formas de apropriação das pessoas que criam familiaridade com o espaço, significando-o como local de referência para suas práticas. Os abrigos feitos com pedaços de madeira anunciam as práticas de habitação da população em situação de rua. As rampas, o caixote e o corrimão configuram a materialidade das práticas dos skatistas. As latas de cerveja, tocos de cigarro e o chão pegajoso na manhã de domingo são os

¹⁵ Em junho de 2017 foi realizada uma intervenção urbana no beco desenvolvida no curso “Laboratório Hackerativista Urbano”, promovido pelo TransLAB. A intervenção marcou o viaduto com luminárias de led coloridas.

traços deixados pela festa do sábado a noite. Os banheiros químicos que aparecem e desaparecem indicam a proximidade de um novo evento. As viaturas e os cavalos policiais que frequentemente figuram no cenário do viaduto dizem respeito às práticas de controle e vigilância. As placas e sinalizações de trânsito incorporadas aos postes mostram os conflitos e as normatizações acerca dos usos do espaço.

Cada sinal que marca uma forma específica de apropriação do espaço é “um traço no lugar dos atos, uma relíquia no lugar das performances” (CERTEAU, 2012, p. 93). Como um local de múltiplas trocas e relações que se criam e recriam mediante fluxos de pessoas, mercadorias e materialidades, o Brooklyn está em constante processo de transformação. A significação das dimensões materiais e perceptivas do espaço atribui a ele um sentido compartilhado por determinados grupos sociais que habitam o vão do viaduto com suas práticas e vivências.

Seguindo os rastros de um “artista da vida”



A última vez que o vi foi na semana passada no Brooklyn, onde nos conhecemos. Conheci o Ildo no dia 29 de outubro de 2017 em uma festa de heavy metal que estava acontecendo no Brooklyn. Naquele dia eu estava com uma câmera e ele me abordou pedindo que eu fotografasse um painel que estava pintando quando estivesse pronto. Ele me explicou que todos os seus painéis são feitos de pranchas de madeira que ele recolhe da rua, dos entulhos. Lembro-me de ter ficado surpresa pois ele não utilizava pincel, pintava só com os dedos. Em frente a Bugio Discos ficava um grande tonel personalizado por Ildo e o grande gato preto no beco também é uma de suas produções.

Ele é uma pessoa bastante falante e espevitado. Pense em um homem de 40 anos, magro, de mais ou menos 1,80, com uma farta barba bagunçada e cabelo em tons acobreados. Embora conviva com os hippies vendedores de artesanato com durepoxi e macramê, se veste distintamente como um músico grunge da década de 90. Sotaque espanhol, calças jeans rasgadas e com respingos de tinta, cabelo bagunçado, jaqueta de couro preta e as mãos sempre sujas de tinta são suas marcas. De conversa fácil, ele é um bom vendedor de suas obras.

Ildo sempre marcou presença nos eventos do Brooklyn, sendo facilmente reconhecido por todos. Ele transitava tranquilamente entre os grupos e se dava bem em todos os nichos sociais que frequentam o viaduto. Andava de lá pra cá com os quadros embaixo do braço tentando vender suas produções e conseguir um trocado ou um cigarro. Transitava pelos comerciantes locais, pelos skatistas, pelas pessoas que estavam ali em momentos de lazer, pelas pessoas que vivem embaixo do viaduto e eventualmente cantava uma ou outra mulher. Algum tempo depois, ele deixou de frequentar o viaduto e a Rua da República passou a ser seu ponto de encontro.

No último evento no Brooklyn em que encontrei ele, ele estava bastante preocupado com a desvalorização de suas obras. Não sentia o trabalho valorizado, então surtiu a ideia de fazermos um vídeo experimental. Um exercício para mim, que estava participando das oficinas de edição de vídeo do Navisual e para ele, uma possibilidade de registrar seu cotidiano e seu trabalho.

Assim, na semana seguinte eu e Marina Bordin, companheira de projetos no Navisual, fomos encontrá-lo com o equipamento para gravação de som e de vídeo. Se ele não estivesse lá, deveríamos perguntar pelo “Uruguai”, como é conhecido por ali.

E, de fato, ele não estava lá. Perguntamos então ao dono da pastelaria em frente se ele conhecia o Uruguai. Ele assentiu, disse que ele sempre estava por ali mas que faziam uns três dias que não dava a caras por lá. Começamos a perguntar para mais pessoas no entorno se conheciam ele, buscando mais informações sobre seu paradeiro. Quando perguntamos ao vendedor na tabacaria, a resposta nos surpreendeu: “ele partiu para São Paulo ontem”.

Tinha se despedido e partiu para São Paulo com a namorada. Decidimos então seguir seus rastros pelos muros da cidade. A partir da rua da República dobramos à esquerda na avenida Lima e Silva, onde já avistamos algumas de suas intervenções nos muros da Escola Rio de Janeiro, ao lado da casa noturna Sinners. Figuravam ali um exemplar de cada um de seus temas característicos: um gato preto, um elefante e um olho. Seguimos pela Lima e Silva até a praça Marquesa de Sevigné, conhecida pelos frequentadores como “praça do M&M”. Em frente a um restaurante na rua Coronel Fernando Machado há mais um dos olhos de Ildo grafados na parede. Retornamos o caminho e entramos na Avenida Loureiro da Silva, que nos levou até o Brooklyn e lá encontramos mais uma de suas intervenções em um dos pilares do viaduto.

Os encontros com Ildo sempre tiveram um quê de inusitados. Pela sua restrição de acesso às redes sociais, os encontros sempre foram conduzidos pelo acaso pelas ruas e bares da Cidade Baixa ou do Bom Fim. Algum tempo depois, um dos amigos do Brooklyn que sabia que eu estava procurando por ele me avisou que ele havia voltado de viagem e que estava no mesmo ponto em que costumava ficar, na Rua da República.

Assim, eu e Marina fomos ao seu encontro em uma noite de sábado e conduzidas por ele, caminhamos pelos percursos que usualmente ele percorre em suas derivas pela Cidade Baixa para divulgar e vender sua arte. O registro dessa experiência resultou em uma produção audiovisual que Ildo quis enviar em um pendrive para sua família no Uruguai tomar conhecimento sobre seu cotidiano em Porto Alegre.

Na cidade com Ildo Torres

Para acessar este trecho da narrativa, escaneie o código ao lado com um smartphone¹⁶:



O relógio e o fluxo do tempo

Desde sua construção em 1974, o viaduto Imperatriz Leopoldina acumulou uma série de transformações e camadas temporais em sua história. Parto de uma reflexão com imagens para analisar as transformações resultantes da modernização da cidade no início do século XX no viaduto, um fragmento do contexto urbano mais amplo de uma Porto Alegre que entre continuidades e descontinuidades perdura no tempo.

Como as dinâmicas passadas influenciam o presente? Como o passado reinventa o presente nos contextos urbanos? Na virada do século houveram mudanças estruturais na cidade que transformaram seu cotidiano. São novas cidades que são depositadas em cima dos escombros das cidades que existiam ali antes. Junto com o depósito de novas cidades se depositam novas histórias, imagens e paisagens. Em “Paisagens Paulistanas”, Antonio Arantes pensa o tempo como camadas espaço-temporais que configuram uma dada paisagem, “algo que a um só tempo é paisagem e passagem” (ARANTES, 2000, p. 14). O tempo, a duração e a memória são categorias utilizadas para pensar a história da cidade e os efeitos da passagem do tempo de um modo sensível. Essa temática é abordada com excelência por Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha na *Etnografia da Duração* (ROCHA; ECKERT, 2013[3]). Inspirada por elas exploro as transformações e as continuidades formam o jogo das memórias nos diferentes tempos vividos no viaduto.

Cada elemento que figura na composição da tessitura urbana contemporânea contém em si o passado da cidade. Pelas materialidades que mediam as relações entre presente e passado se pode narrar a cidade atual e contar seu passado, resgatando afetos e memórias que perduram no imaginário coletivo de seus habitantes.

¹⁶ Para assistir o vídeo é necessário instalar um aplicativo para leitura de “QR Code” no dispositivo móvel. Após a leitura do código QR com o aplicativo, você será direcionado(a) a uma página através de um link. Acesse o link e faça o download do vídeo.

Mas que cidade é esta, Porto Alegre, onde pulsam tantos dinamismos e contradições? Como uma possibilidade de construí-la para mim e para esta pesquisa, ampliei meu campo etnográfico visitando o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Sendo um museu da história de Porto Alegre, tem importante acervo sobre a linha e tempo histórico da cidade. As imagens do acervo me permitiam considerar as significações do viver urbano a partir da configuração da paisagem da cidade na época em que o viaduto foi construído. O que a estrutura imagética da cidade naquele período diz a seu respeito? E como essa visualidade perdura nos dias de hoje na paisagem da cidade e no imaginário coletivo?

O primeiro projeto de Plano Diretor da cidade data de 1935, e deu sequência ao Plano Geral de Melhoramentos de 1914 que previa a construção de amplas avenidas e pontes para desafogar o tráfego viário¹⁷. Na primeira tentativa de planificação da cidade, os urbanistas responsáveis planejaram o sistema de radiais e perimetrais da cidade. O primeiro Plano Diretor da cidade só entrou em vigor em 1979, mas as obras de ampliação das avenidas não tardaram a se iniciar. Uma das funcionalidades da construção do viaduto em 1974 era também ceder espaço para a construção da primeira perimetral da cidade, iniciando na então Avenida Loureiro da Silva.

¹⁷ Site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

No contexto de modernização das cidades, em 19 de junho de 1872 um decreto assinado por Dom Pedro II alteraria de forma significativa o cotidiano da cidade: é concedida "à companhia – Carris de Ferro Porto-Alegrense, - autorização para funcionar" (Decreto nº 4.985). Os bondes inicialmente eram puxados por mulas, foi somente no início do século XX que eles começaram a ser movidos por eletricidade. A Companhia Força e Luz foi resultado da união de duas empresas de transporte existentes, a “Carris de Ferro” e a “Carris Urbanos”. Unidas as empresas fizeram prosperar rapidamente a companhia que proporcionava o transporte urbano de tração elétrica à cidade (BAKOS, 1994, p. 152).

Os quarenta e sete carros elétricos que existiam circulantes também serviram como facilitadores de acesso ao centro da população residente nos subúrbios, que na etapa de desenvolvimento das cidades-capitais haviam sido afastados. As classes trabalhadoras foram segregadas às margens da cidade já que a região central era majoritariamente frequentada pelas elites locais. Com o desenvolvimento dos transportes a periferia se misturava com o centro. A heterogeneidade da população e a desigualdade social em um espaço predominantemente ocupado pelas elites começava a mobilizar os esforços da Guarda Administrativa que em seus registros apontava para um aumento da criminalidade na região central (BAKOS, 1994, p. 153).

As fotografias¹⁸ a seguir registram a antiga sede e garagem dos bondes da Carris no final do século XIX. Houveram grandes reestruturações da área, frutos de outras etapas de urbanização e modernização das cidades. O advento do século XX trouxe consigo o ideal da cidade moderna e desenvolvida e as transformações na cidade marcavam uma nova era para a mobilidade urbana com fim dos bondes elétricos. A garagem de bondes foi demolida e após a construção do viaduto foi substituída pelo Largo Archymedes Fortini.

Na fotografia à esquerda, chamo atenção para o prédio 607 situado na margem direita e na margem esquerda, o prédio onde atualmente fica a Secretaria Municipal de Saúde.

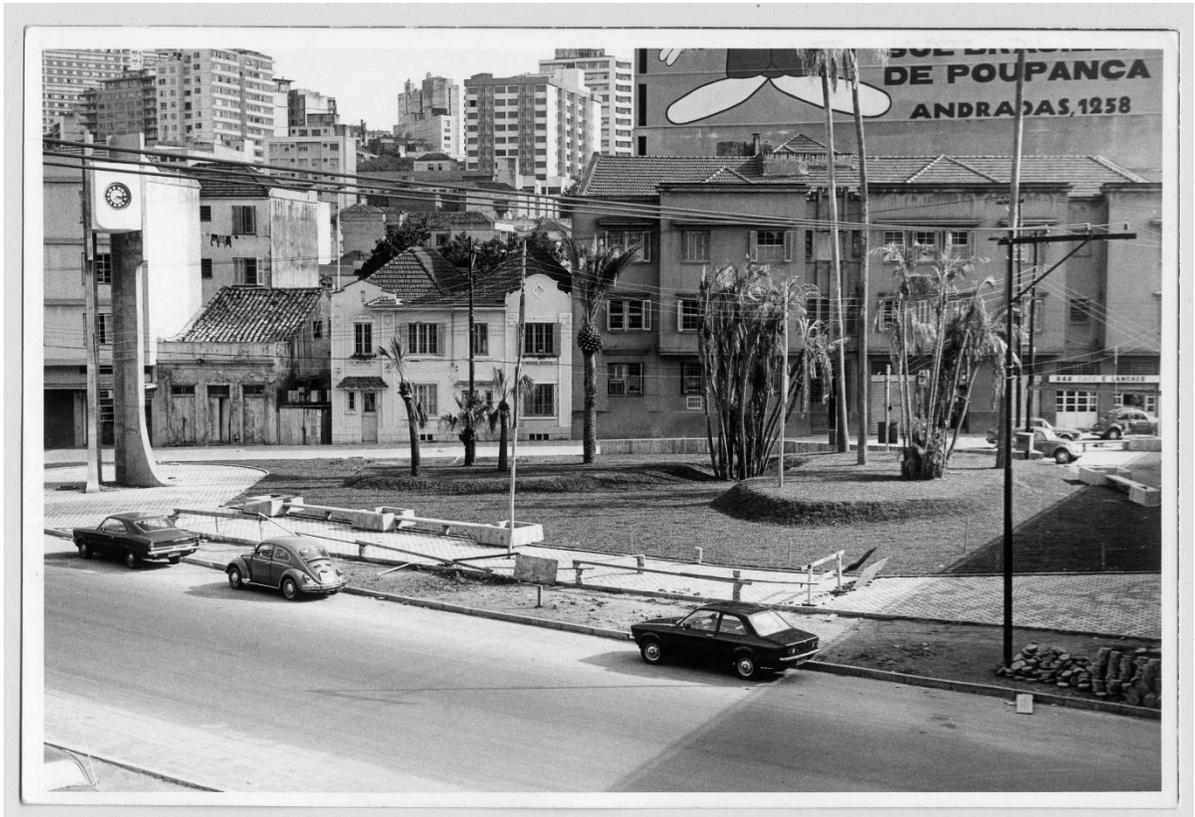
¹⁸ Imagem da esquerda: AUTOR DESCONHECIDO. CIA. CARRIS PORTO ALEGRENSE - AVENIDA JOÃO PESSOA ESQUINA COM A RUA SARMENTO LEITE. Papel, P&B, 18,1 x 24,6cm, sem assinatura, doação, Polícia Civil do Rio Grande do Sul, 2007. Imagem da direita: AUTOR DESCONHECIDO. COMPANHIA CARRIS PORTO-ALEGRENSE III, 3º ou 4º quartel do século XX. Década de 1970. Papel/gelatina, 16,5 x 24 cm. sem assinatura, procedência desconhecida.



No Largo Archymedes Fortini há um antigo relógio que se tornou um monumento e guarda a memória da época em que ali costumava ser a garagem dos bondes. Os monumentos evocam na memória dos habitantes as feições da duração, mostando a passagem do tempo de um modo sensível¹⁹:

Basicamente nada disso aqui existia. Esse relógio aqui... nada existia. Tudo isso aqui que tu tá vendo era o pátio de bondes da Carris. Era o pátio onde os bondes ficavam armazenados e esse relógio controlava a entrada e saída dos bondes. Quando o bonde deixou de ser uma tecnologia vigente, eles lotearam isso aqui. A Sarmiento Leite que hoje é um calçamento, antes desse viaduto que foi inaugurado em 73 se eu não me engano, ela vinha reto e isso aqui era uma rua. Quando eles fizeram o viaduto essa nossa quadra morreu como rua e passou a ser uma pracinha. Eu sei que quando eles construíram o viaduto essas casas já existiam. Esse aqui que a Dona Ivone reformou já existia, que é um dos mais antigos. Ela só fez uma baita reforma mas não mudou muito.
(Rafael).

¹⁹ A descrição a seguir é a mesma para a imagem da torre do relógio e para a imagem da praça na página a seguir: AUTOR DESCONHECIDO (atribuído) [Construção Viaduto Imperatriz Leopoldina] , 03/07/1975. papel p&b, 12 x 18 cm. sem assinatura. doação, Marco Antonio Deniz/SMOV, 2015



As fotografias narram um tempo na cidade. Contam histórias. São representações da cidade e seus elementos nos fazem apreciar o modo de vida de uma determinada época. O crescimento da cidade e sua expansão de limites implicava em uma reestruturação urbana e com isso os significados dos espaços se alteram rapidamente. Atentar às imagens permite acessar esses significados latentes das paisagens e do tempo. Assim, realizei uma releitura da cidade a partir do contexto e das imagens do viaduto Imperatriz Leopoldina. Para entender como um determinado elemento se insere em um contexto urbano é preciso compreender sua extensão a partir de diversas fontes de conhecimento que se articulam para dar formas ao imaginário urbano. Cada elemento emite seus prolongamentos e seus pontos de fuga para tantos outros. As imagens, as reportagens, o relógio e os relatos dos habitantes contém em si o passado da cidade.

Transitando por outras dimensões temporais, os habitantes e os frequentadores dos espaços criam e recriam a história do local cotidianamente no presente. Na sobreposição de elementos e de temporalidades distintas se forma um emaranhado de fragmentos de história e memórias que transcende a delimitação espacial e temporal do Largo e do viaduto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço para a realização deste trabalho foi no sentido de produzir um registro de uma experiência de pesquisa e reconstruir etnograficamente o universo de significados entrelaçado ao Brooklyn. Para isso, reuni aqui fragmentos e contribuições de diversas fontes, procurando cercar o objeto de pesquisa em suas múltiplas evidências. O exercício da antropologia urbana é o de complexificar os territórios da cidade evocando empatia mas também evidenciando seus conflitos e contradições. Um olhar atento às complexidades do território só é possível a partir da inserção sistemática no espaço. Só assim conseguimos acessar *os imponderáveis da vida cotidiana* (MALINOWSKI, 1984) que transcendem aquilo que o olhar casual do passageiro pode perceber no espaço. Estar no espaço e permanecer suscetível aos diversos estímulos dos territórios urbanos nos permite desenvolver novas percepções, muitas vezes fundamentais para o entendimento da vida social no contexto.

A ausência de espaços públicos na cidade adequados para as ocupações características da boemia que possibilitem a totalidade de suas formas de interação e que garantam o sossego nas camadas residenciais foi o que desencadeou a apropriação do viaduto durante as noites e nos finais de semana. No escopo das sucessivas interrupções dos eventos e afastamento dos frequentadores noturnos das ruas de Porto Alegre desde a década de setenta, os eventos no Brooklyn tiveram o mesmo desfecho. O controle rígido e as determinações judiciais implicaram no fechamento dos bares que subsidiavam os eventos com equipamentos, energia elétrica e a venda de bebidas. Os empresários foram penalizados, tendo que pagar multas muito altas caso quisessem reabrir os estabelecimentos. O que se observa é que como os eventos tem certa autonomia e portanto não há uma centralidade na organização, não é possível responsabilizar judicialmente um só ator. Assim, a via para a interrupção dos eventos foi tomar providências legais que tangenciavam as organizações, dificultando na maior medida possível a realização dos eventos, como foi o caso do confisco das cervejas pela SMAM e o fechamento dos bares.

Na terça-feira do dia 6 de novembro de 2018 fui ao Brooklyn no final da tarde, quando usualmente aconteciam as rodas de samba. O derradeiro samba de terça havia sido na semana anterior. Com os bares fechados, encontrei o espaço sob o viaduto mais ou menos como nas primeiras vezes em que estive lá: haviam apenas alguns skatistas em uma rodinha conversando. O *Slam* segue acontecendo semanalmente, a Batalha de MC's mensalmente e o Prato Feito das Ruas

ainda acontece aos sábados de manhã.

A intensidade do despertar do movimento *em defesa do Brooklyn* ao promover debates públicos sobre promoção da cultura e ocupação dos espaços da cidade incentivou a reflexão política e engajou muitos dos participantes dos eventos no movimento. Do mesmo modo que o espaço público faz emergir o conflito e as contradições que transformam a qualidade das relações que nele se desenvolvem, também fortalece vínculos de solidariedade e reciprocidade entre os habitantes que compartilham modos de vida e valores semelhantes em relação ao espaço.

A efemeridade da ocupação cultural no Brooklyn me fez pensar sobre a duração dos movimentos e das formas de sociabilidade inerentes aos espaços abertos, públicos e gratuitos que perduram ao longo do tempo em um movimento migratório que vislumbra sempre novos espaços para se potencializar. Talvez nestes fatos resida o êxito de sua duração como fenômeno: as *táticas* perspicazes de resistência nos espaços atuais e o desejo de continuar na rua ser maior que a necessidade de ter um espaço próprio e exclusivo. A capacidade de transformação e reordenação das práticas conforme o contexto permite vislumbrar outras possibilidades na abundância de lugares que a cidade oferece. As táticas de apropriação jogam com os terrenos que não lhes são próprios mas que também não se pretendem apropriáveis. Essas táticas são forças que contém em si o vigor do que se vive no momento e a alegria que dele emana, elas são as formas de expressão e a capacidade de resistência que se inventam nos territórios da vida urbana. Nisso consistem as práticas inventivas, criativas e astuciosas das quais falava Michel de Certeau (2012).

Essas reflexões finais fazem parte do inventário de elementos que atribuíram formas e conteúdos para esta pesquisa etnográfica. O ato de interpretar a cidade a partir do entrelaçamento de minhas percepções com as histórias dos habitantes - narradores em potencial das experiências vividas no contexto urbano (ECKERT; ROCHA, 2013[3]) -, faz durar a experiência no espaço.

A articulação de diversas fontes de informação me possibilitou enxergar o viaduto e suas relações sociais para além de suas fronteiras geográficas e expandir sua territorialidade para outros pontos da cidade. Essa pluralidade de manifestações que pulsam, fazendo florescerem afetos das mais distintas ordens é o que torna a experiência urbana tão rica e potente para ser analisada.

Espero com este trabalho ter produzido um registro de um tempo vivido no viaduto, de um lapso de efervescência que marcou definitivamente o Brooklyn nos últimos dois anos. Como em tantas outras ocasiões no cenário da vida noturna da cidade se exauriu a vida noturna no Brooklyn,

mas satisfazendo sua condição de errante, ela emite prolongamentos para outras partes da cidade. Não é o final, mas a continuidade de um devir que a cidade impulsiona.

*Somente o fim de uma época permite
enunciar o que a fez viver, como se ela tivesse
que morrer para tornar-se um livro.²⁰*

²⁰ Excerto da primeira edição de “A Invenção do Cotidiano” de Michel de Certeau em 1980, na página 300. Citado por Luce Giard na apresentação da 19ª edição, de 2012.

7. REFERÊNCIAS

ABALOS JUNIOR, José Luis. Trabalho de Conclusão de Curso. **Jogando com MC's : identidade, estilos de vida e performance em uma experiência etnográfica na Batalha do Mercado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

ARANTES, Antonio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BAKOS, Margaret M. **Decorando a sala de visitas: Porto Alegre na virada do século 19**. In: MAUCH, Cláudia; [et. al.] colabs. Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade. Porto Alegre/ Canoas/ São Leopoldo: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

CECCHETTO, Fátima; MONTEIRO, Simone; VARGAS, Eliane. **Sociabilidade juvenil, cor, gênero e sexualidade no baile charme carioca**. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 146, p. 454-473, Aug.2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000200008&lng=en&nrm=iso>.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ECKERT, Cornelia. **A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre**. Porto Alegre: Bancos de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2002.

ECKERT, Cornelia. **A cidade com qualidade? Estudo de memória e esquecimento sobre medo e crise na cidade de Porto Alegre**. Revista Sociedade e Cultura. V 10, p. 61-79, 2007.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Arte e criação artística em contexto urbano: um estudo de caso de política pública em Porto Alegre (RS, Brasil)** in http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2017.53.3.02 Capa > v. 53, n. 3 (2017).

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Análise socioeconômica da cidade de Porto Alegre**. Porto Alegre: 2017.

SIMMEL, Georg. **A natureza sociológica do conflito**. In: FILHO, Evaristo de Moraes (organizador). Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **Conflito e estrutura do grupo**. In: FILHO, Evaristo de Moraes (organizador). Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade – Um exemplo de sociologia formal**. In: FILHO, Evaristo de Moraes (organizador). Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca Torres (organizadores). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole**. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (orgs). Na Metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental, um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril S.A., 3ªed, 1984.

PÉTTONET, Collete. **Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense**. Antropolítica, n.25, v. 2. Niterói, 2008.

PEDROSO, Lucio Fernandes. **Transgressão do Bom Fim**. Dissertação(mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2009.

PEDROSO, Lucio Fernandes. **Medo e memória como práticas do espaço urbano em Porto Alegre no final do século XX**. VII Encontro Regional Sul de História Oral. Foz do Iguaçu, Paraná, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Feições de uma cidade no plural... ou lugar da desordem**. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; ECKERT, Cornelia. **Antropolodia da e na cidade, interpretação sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre, Marcavisual: 2013 [1].

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013 [2].

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da.; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Porto Alegre, Marcavisual, 2013 [3].

RUI, Taniele. **Fronteiras, Espaços e Usos**. 35º Encontro Anual da ANPOCS. Minas Gerais, Caxambu, 2011.

SIMMEL, Georg. **O Estrangeiro**. Revista Brasileira de Sociologia das Emoções, v. 4, n. 12. Paraíba, João Pessoa, 2005.

STEIGLEDER, Clara Natalia. Tese de Doutorado. **A sociabilidade na cidade moderna: Os bondes e a Porto Alegre de 1890 a 1945**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

VELHO, Gilberto. **Medo, insegurança e violência**. In: MACHADO, Lia Zanotta; BORGES, Antonadia Monteiro; MOURA, Cristina Patriota de. (orgs). A cidade e o medo. Brasília: Verbena/Francis, 2014.

Jornais e sites

Porto Alegre/Carris. De 1872 a 1908. Bondes: primeiro as mulas depois a energia elétrica. Disponível em: http://www.carris.com.br/default.php?reg=1&p_secao=61

Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Porto Alegre tem tradição em planejamento. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=125

R7, Balanço Geral – RS. Viaduto do medo, onda de assaltos assusta pedestres, 23/12/2016. Disponível em: <http://tv.r7.com/record-play/rio-grande-do-sul/balanco-geral-rs/videos/viaduto-do-medo-onda-de-assaltos-assusta-pedestres-23122016>

Sul 21. Estudantes relatam rotina de assaltos diários no entorno da UFRGS, mas BM diz que não há registros, 08/11/2017. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/cidades/2017/11/estudantes-relatam-rotina-de-assaltos-diaricos-no-entorno-da-ufrgs-mas-bm-diz-que-nao-ha-registros/>

Sul 21. “Não aceitamos exílio nem prisão, nossa opção é a rua”, diz Boulos em Porto Alegre, 25/10/2018. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2018/10/nao-aceitamos-exilio-nem-prisao-nossa-opcao-e-a-rua-diz-boulos-em-porto-alegre/>

Zero Hora. Há 40 anos, os jovens subiram na árvore, 25/02/2015, pg. 27.
